



Revista **Aeronáutica**

2010

Número 273



**Se você ainda pensa
que este é um jato
regional, você
não tem prestado
muita atenção.**

Abra sua mente para a família dos E-Jets. Conheça mais em EmbraerCommercialJets.com.

Quando se cria uma nova classe de aeronaves, as antigas designações podem ser limitantes. Os E-Jets, por exemplo. Operam em pistas curtas ou voam etapas de cinco horas com máximo conforto. Em uma única classe ou em várias classes de serviço. Em empresas de baixo custo ou nas principais empresas aéreas dos cinco continentes. Tarefas impossíveis para os tradicionais jatos regionais. De fato, existe muito pouco que os E-Jets ainda não conquistaram na categoria de 70 a 120 assentos. Exceto, talvez, o modo como são chamados.

600+ E-JETS. 56 COMPANHIAS AÉREAS. 39 PAÍSES.

QUEM VOA AMA.

 **EMBRAER**
Commercial Jets

Presidente

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista

1º Vice-Presidente

Maj Brig Ar Márcio Callafange

2º Vice-Presidente

Brig Ar Guilherme Sarmiento Sperry

3º Vice-Presidente

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Assessor Especial da Presidência

Brig Int Hélio Gonçalves



Expediente

Ago./Dez.

2010



www.caer.org.br
revista@caer.org.br

DEPARTAMENTOS

Cultural

Cel Av Araken Hipólito da Costa

Social

Cel Av Paulo Fernandes da Silva

Administrativo

Cel Av Nylson de Queiroz Gardel

Financeiro

Cel Int Júlio Sérgio Kistemarcher do Nascimento

Patrimonial

Cap Adm Ivan Alves Moreira

Aerodesportivo

Cel Av José de Faria Pereira Sobrinho

Desportivo

Ten Cel Av Antonio Vianna Jordão

Beneficente

Cel Av Nylson de Queiroz Gardel

Jurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Social

Brig Ar Guilherme Sarmiento Sperry

Sede da Barra da Tijuca

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Adjunto da Administração

Cel Av Pedro Bittencourt de Almeida

Adjunto Financeiro

Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

Sede Lacustre

1º Ten QOE Sebastião José Ferreira

Secretaria Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

CHICAER

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista

Expediente do CAER (Sede Social)

Dias: 3ª a 6ª feira

Horário: 9h às 12h e 13h às 17h

Sede Social

Praça Marechal Âncora, 15

CEP 20021-200 - Rio de Janeiro - RJ

• Tel.: (21) 2210-3212

• Fax: (21) 2220-8444

Sede da Barra da Tijuca

Rua Raquel de Queiroz, s/nº

CEP 22793-710 - Rio de Janeiro - RJ

• Tel.: (21) 3325-2681

Sede Lacustre

Estrada da Figueira, nº 1

CEP 28930-000 - Arraial do Cabo - RJ

• Tel.: (22) 2662-1510

• Fax: (22) 2662-1049

Presidente do Conselho Deliberativo

Maj Brig Ar Marcus Vinícius Pinto Costa

Presidente do Conselho Fiscal

Brig Int João Carlos Fernandes Cardoso

REVISTA DO CLUBE DE AERONÁUTICA

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipólito da Costa

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Editorial e Design Gráfico

Rosana Guter Nogueira

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

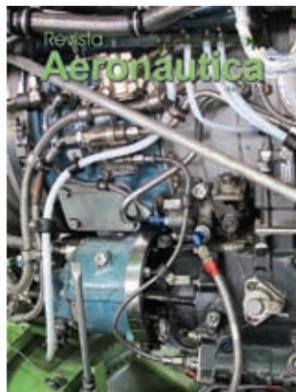
Revisão

Lídia Albuquerque

Secretária de Redação

Luciene Ribeiro

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Índice

- 5** CARTA COMPROMISSO
Dilma Rousseff
- 6** TEMPOS DIFÍCEIS II
Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista
- 8** AERONOTÍCIAS
A Redação
- 16** NO MOMENTO DE DÚVIDA
Araken Hipólito da Costa
Cel Av
- 18** ESTADO E MODERNIDADE
Manuel Cambeses Júnior
Cel Av
- 20** O SER DOS VALORES MILITARES
Rômulo César de Albuquerque
Cel Av
- 23** A PERCEÇÃO BRASILEIRA DO MUNDO
Marcos Henrique Camillo Côrtes
Embaixador
- 28** "O LAPA AZUL"
Maj Brig Ar Antônio Luiz Rodrigues Dias
- 30** "DOMINUS ET SERVUS"
Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel Av
- 32** A HIPOCRISIA AMBIENTAL (em poucas palavras)
Reis Friede
Desembargador Federal e Professor
- 34** EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA BANDEIRA NACIONAL
Símbolo Sagrado da Pátria
Gilberto Affonso Ferreira Paiva
Cap Av
- 36** DIA DA BANDEIRA O MILITAR
Oney Carlos Xavier
Ten Cel Int
- 37** GRAMADO: encanto, muita beleza e luz
Edson Reis
Cel Int
- 38** INSTRUÇÃO AÉREA
Pré-seleção e economicidade
Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes
- 40** A SEMANA DA ASA E O DIA DO AVIADOR
Paulo Pereira
Jornalista
- 42** A CARGA URGENTE E IMPRESCINDÍVEL
Ivan Janvrot Miranda
Cel Av
- 44** ASSEIO "POR INSTRUMENTOS" PODE NÃO DAR CERTO
Raul Galbarro Vianna
Cel Av
- 46** ESCREVER... ESCREVER...
Verônica Maria Beviláqua Mendes
Graduada em Letras
- 48** GENEALOGIA
Carlos Alberto de Paiva
Cel Av
- 49** FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO: os produtos são confiáveis?
Maj Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano
- 50** DE VOLTA AO PASSADO
A Redação

Dilma Rousseff

No dia 26 de outubro, esta presidência recebeu a correspondência abaixo transcrita, enviada pela candidata Dilma Rousseff. De imediato, foi transmitida aos Presidentes dos Clubes Naval e Militar, bem como a todos os assessores da Comissão Interclubes. Considero muito honroso ter recebido as explicações que motivaram a impossibilidade de atendimento ao convite para comparecimento frente aos quadros sociais dos clubes militares, da mesma forma que a transmissão de sua carta compromisso com os militares do Brasil.

Nesta oportunidade externo sinceros votos de que a primeira mulher republicana a ocupar o mais alto ponto da hierarquia pública, bem como o comando supremo de nossas Forças Armadas, seja iluminada por Deus e ofereça o melhor de sua sabedoria em proveito de toda a nacionalidade brasileira. Com certeza, todo o estamento militar estará oferecendo a ela, a partir do próximo mês de janeiro de 2011, o suporte que necessitar para o cumprimento de seus sagrados compromissos com o futuro do País.

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista
Presidente do Clube de Aeronáutica



Ao Exmo. Sr.
Tenente-Brigadeiro-do-Ar
Carlos de Almeida Baptista
Presidente do Clube de Aeronáutica

Senhor Tenente-Brigadeiro-do-Ar,

Agradeço, por meio desta, o honroso convite para uma visita ao Clube de Aeronáutica. Infelizmente, compromissos de campanha anteriormente assumidos, me impedem de realizá-la neste momento, mas reitero desde já o meu desejo em fazê-la oportunamente. Ao mesmo tempo, tomo a liberdade de encaminhar ao Excelentíssimo Senhor "Carta Compromisso" em que firmo minha posição e compromisso com os militares do Brasil. Receba meus sinceros votos de elevada estima e distinta consideração.

Dilma Rousseff

Meus concidadãos, mulheres e homens das Forças Armadas,
Vivi estes oito ativos anos de minha vida pública em um governo que colocou, de forma destacada e definitivamente, as questões de nossa defesa e da segurança interna na agenda nacional.

Como Ministra Chefe da Casa Civil, ter acompanhado efetivamente o planejamento de longo prazo para a defesa do País é fato que enlevo, ainda mais, a minha cidadania e nos mostra o verdadeiro sentido de brasilidade de nossos militares.

Rompemos este milênio com a materialização de uma firme direção estratégica militar.

A Estratégia Nacional de Defesa, concebida e colocada em ação no governo do Presidente Lula, deu a devida importância à transformação das Forças Armadas do Brasil, conceito que deve ser compreendido como o seu redimensionamento de acordo com a missão e o seu reequipamento mais adequado às necessidades operacionais do seu emprego.

O mundo é influenciado por novos arranjos da geopolítica e a Estratégia Nacional de Defesa reuniu aqueles preceitos que visaram envolver todo o País na sua própria defesa, com importante aceitação da população.

Se tiver a honra de ser eleita Presidente da República, terei de continuar o trabalho bem iniciado e que marchou em cadência uniforme nestes profícuos oito anos. Aspectos desencadeados a partir de 2003 serão potencializados no próximo quadriênio, com a devida continuidade ao que está subordinado aos três eixos que suportam a Estratégia Nacional de Defesa:

• **A Reorganização das Forças Armadas**

A perfeita coordenação, hoje vivenciada por nossas Forças Armadas, fará com que tenhamos importantes progressos em três segmentos imprescindíveis para a defesa do País: o setor cibernético, o espacial e o nuclear.

• **A Reestruturação da Indústria Brasileira de Material de Defesa**

O incentivo à fabricação de equipamentos militares nacionais é uma realidade definida e que continuará garantindo o desenvolvimento e a fabricação de equipamentos como: radares e veículos aéreos não-tripulados, aviões de caça e transporte, submarinos convencionais e de propulsão nuclear, helicópteros de transporte, reconhecimento e ataque, veículos blindados, munições e armas inteligentes, como mísseis, bombas e torpedos.

Continuará como prioridade o desenvolvimento do Veículo Lançador e a fabricação de satélites.

• **A Política de Composição dos Efetivos das Forças Armadas**

Definimos pela manutenção do Serviço Militar Obrigatório, que se espelha e reflete o cunho republicano do Brasil. As nossas Forças Armadas se posicionam ainda mais próximas dos concidadãos brasileiros, universo que as elege dentre as instituições com maior índice de confiança em nosso País.

É evidente o fato de que o militar tem carreira diferenciada dos demais trabalhadores e, portanto, seu regime previdenciário deve ser distinto. O respeito a este direito não deve ser e não será afrontado.

Os índices de reajuste salarial conquistados nos dois últimos mandatos presidenciais são garantia de que continuaremos efetuando as merecidas reposições.

Cumprindo os interesses do Estado Brasileiro e dos seus princípios constitucionais, as nossas Forças Armadas estão em perfeita consonância com a Nação. O respeitado profissionalismo militar é forte elemento estruturante e está enraizado em nosso consolidado regime democrático.

Negar essa manifesta certeza seria negar a história militar contemporânea.

Se eleita Presidente, como Comandante Suprema das Forças Armadas de meu País, terei de contar com o espírito de corpo que distingue homens e mulheres da caserna, sentinelas em alerta, importantes mantenedores dos valores da nossa unidade nacional.

Dilma Rousseff

Pois é! O mundo está virando de ponta-cabeça neste início de século. Quantas esperanças tivemos de que o novo milênio trouxesse paz, amor e tranquilidade para os terráqueos que aqui habitam! Lembro-me bem do instante da contagem zero em que as televisões foram mostrando gente de vários credos, cores e diferenças sociais se abraçando, se beijando, confraternizando emocionadamente, felizes por terem tido a oportunidade de ver que não era verdadeira a profecia que alertava que dos mil passaríamos, aos dois mil não chegaríamos.

Somente no século XX milhões de pessoas foram exterminadas em dois conflitos mundiais, mais outros milhões por doenças, pela fome e pelo desprezo das elites. Triste pensar que isso possa estar previsto no DNA do planeta, para evitar que haja uma superpopulação, enquanto não se encontrem meios adequados para sua sobrevivência. E agora? Consta que a expectativa de vida média vai subir para os 100 anos até 2030. Vamos conseguir chegar lá? Com próstata ou sem próstata?

Minha particular preocupação é com o futuro dos conceitos éticos e morais. Fico indagando quem mais poderia estar

preocupado com isso, além de nós militares, que crescemos tomando “porres” diários de pregações no sentido de que somos o “último baluarte contra a barbárie que se impetra contra esta civilização”.

Estou certo de que a grande maioria dos idosos deste País (mais de 60, de 70?) também foram criados dentro do conceito de que o fio da barba é o penhor da honra, mesmo os mais transviados jovens da nossa época, muitos ainda transviados. Afinal, nossos filhos, netos e bisnetos precisam sobreviver a estes novos tempos, e aos “novos costumes” que vão acabar ditando novas leis.

Sou do tempo dos corsos de carnaval, na Av. Rio Branco, com capotas arriadas, rapazes e moças bem pudicos, jogando serpentinas e confetes nos carros que vinham em direção contrária. Os jatos dos lança-perfumes eram economizados e dirigidos apenas na direção daqueles sorrisos mais brejeiros e provocativos.

Sou do tempo em que o flerte provocava insônia e, no sono, os mais prazerosos sonhos.

Tive amigos que jamais descobri serem homossexuais. No próprio convívio da caserna existiram chefes portadores desse

tipo de desvio a quem jamais ousaram desrespeitar, tal a predominância de tantos outros formidáveis atributos como caráter, firmeza de atitudes, coragem física e moral, honestidade de propósitos e, principalmente, respeito aos sagrados princípios de hierarquia e disciplina.

Mas sou do tempo das revoluções de 1968, quando em todos os cantos do planeta aconteceram as rebeliões da juventude, saturada das proibições, especialmente as impostas ao sexo feminino.

A revolução vermelha em Paris foi o estopim. Daí aconteceu o *Woodstock*, a queima dos *soutiens*, o surgimento dos biquínis e a adoção das minissaias.

Os jovens passaram, aos poucos, a não precisarem mais desejar o que estava escondido. Os motéis proliferaram e se constituíram no melhor negócio da época, até este momento em que se abre, na casa dos pais, o canto ideal para a prática segura do “sexo responsável”.

Os canais de televisão transmitem

verdadeiras e longas aulas de sexo com pouco enredo, durante a madrugada, e agora, de surpresa, a qualquer hora do horário vespertino.

Sou do tempo em que vereadores não eram remunerados. Bastava a honra de serem escolhidos para comporem a administração, apenas por serem membros honrados, trabalhadores e confiáveis da municipalidade. Alguém já parou para pensar, a sério, sobre o motivo pelo qual a classe política caiu tanto no conceito popular? Por que, a cada eleição, por mais que prometamos votar em branco ou anular o voto, vamos ajudar a eleger o menos ruim?

Olha aí o que deu a liberalização dos costumes!

Protesto, em nome dos idosos. A qualquer reação nossa nos acusam de estar discriminando alguém ou, o pior, de sermos reacionários. Sinto-me extremamente

discriminado. Não fumo já há muitos anos, mas exigir que o velhinho, que “adquiriu o direito”, em tantos anos de vício, de pitar o seu cigarrinho (não é o baseado) em qualquer lugar, ser obrigado a deslocar-se para uma área descoberta, não é maldade? Nem debaixo da marquise pode! Os fumódromos não eram boa solução?

Exigir que o velhinho, que adquiriu o direito de almoçar com amigos, saboreando aquele uisquinho ou aquela taça de vinho (em tantos anos de confraternização) não possa dirigir sua viatura por medo do bafômetro, ele que nunca teve um acidente na vida? Proponho aumentar o nível aceitável do teste para os idosos.

Na Presidência do Clube tenho procurado entender o motivo pelo qual os associados não o frequentam como outrora.

Somos saudosos dos velhos amigos, cultivados desde os primeiros bancos escolares, com tantas aventuras gostosas a serem lembradas. A ameaça do bafômetro e a falta de reserva para o táxi não estará nos afastando?

Tudo isto para dizer que, na minha opinião, podem manter as discriminações acima, mas a sociedade vai ter de barrar a progressão da “esculhambação” da forma como está acontecendo. Senão, no próximo carnaval, por exemplo, mesmo com 5000 banheiros portáteis, não conseguirão impedir a transformação da cidade maravilhosa numa imensa e fétida cloaca.

Acho que está na hora de promover uma nova revolução, como a de 1968, mas só que ao contrário. Vamos moralizar os costumes, novamente! ■

TEMPOS DIFÍCEIS II

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista

AERONOTÍCIAS do CAER

NOVO SÓCIO BENEMÉRITO DO CAER

Em agosto de 2010, o Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito, foi agraciado com o título de Sócio Benemérito e inaugurada sua foto no Mural dos Honráveis do Clube, contando com a presença de seu Presidente, Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista e demais autoridades.



MAIS UM DESAFIO TRANSPOSTO



Realizou-se no Clube de Aeronáutica, no dia 19 de agosto de 2010, um almoço comemorativo à POUPEX, com a presença do seu Presidente Gen Ex Clóvis Jacy Burmam, além do Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito e do Presidente do CAER, Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista, Vice-Presidentes e Presidentes dos Conselhos Deliberativos e Fiscal do Clube, tendo a honra de receber membros do Alto-Comando da Aeronáutica.

A reunião selava assunto de relevante interesse: o pagamento da última parcela da dívida resultante da instituição CHICAER.

INCAER TEM NOVO DIRETOR

No dia 19 de agosto de 2010, foi realizada, no Salão Nobre do Clube de Aeronáutica, a solenidade de transmissão do cargo de Diretor do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, do Exmo. Sr. Ten Brig Ar Octávio Júlio Moreira Lima, ao Exmo. Sr. Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho. A cerimônia contou com vasta e seleta audiência.



ANIVERSÁRIO DO CAER

O Clube de Aeronáutica comemorou, em 6 de agosto de 2010 o seu famoso baile de Aniversário, correspondente aos seus 64 anos de existência, no Salão Nobre de sua Sede Social, na Praça XV, decorado por Glória Pires Eventos e buffet Sabor & Festa.

Sobre novo piso porcelanizado, inaugurado nessa ocasião, o show de Tango apresentado por Bob Cunha e Áurya Pires e sua Companhia de Dança, acompanhado da primorosa Orquestra Commander abrilhantaram a comemoração, na qual não faltou a animação dos associados e convidados, dentre eles Oficiais-Generais das Forças Armadas.



COMEMORAÇÃO AO VETERANO

No sábado, dia 25 de setembro de 2010, no Birutinha da Sede Barra, realizou-se um almoço comemorativo do aniversário dos 88 anos do nosso veterano piloto de Guerra Maj Brig Ar José Rebelo Meira de Vasconcelos – tratado, carinhosamente, por Meirinha, pelos seus colegas do 1º Grupo de Aviação de Caça, durante a Segunda Guerra Mundial, no Teatro de Operações da Itália.

Registrou-se a presença de velhos caçadores e dos mais novos, atualmente servindo na Base Aérea de Santa Cruz – BASC.

O texto ao lado, foi o agradecimento lido pelo Brigadeiro Meira, para os colegas presentes.



Saudação

Ao saudar amigos, idosos e jovens, aqui presentes, vou ler algumas considerações sobre o Idoso.

*Você é IDOSO quando sonha e é VELHO quando apenas dorme.
Você é IDOSO quando ainda aprende e é VELHO quando já nem ensina.
Você é IDOSO quando sente amor e é VELHO quando só sente ciúmes.
Você é IDOSO quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida, e é VELHO quando todos os dias parecem o último da longa jornada.
O IDOSO se renova a cada dia que começa; o VELHO se acaba a cada noite que termina.
O IDOSO têm planos e o VELHO tem saudades.
Em suma, o IDOSO e o VELHO podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades diferentes no coração.*

Este é um momento muito especial em minha vida. Estar vivo aos 88 anos, inteiro, com disposição e saúde, é uma alegria e uma bênção. Levei um susto, é verdade, mas a medicina corrigiu.

Entretanto, o principal, a minha lucidez, mantém em nível elevado a dignidade da minha fé, a paciência na esperança e a perseverança na caridade. A vida me presenteou com a possibilidade de festejar esta data e encontrá-los no momento dessa alegria. É bênção sobre bênção. Ao ver esses amigos, aqui reunidos, alguns há mais de 65 anos, fico certo de uma verdade, aparentemente simples, mas que tem um particular encanto: "O bom não é viver, mas conviver".

Nesses anos, como todos nós, tive momentos de alegria, alguns de tristeza e outros de saudades. Tive, também, a extrema felicidade de possuir uma família unida e amiga.

Mas, a vida profissional me proporcionou momentos de grande alegria, quando no ar, sozinho ou em grupo, tinha a sensação de que era um pássaro, dono do azul.

Mesmo nos momentos mais difíceis, durante a guerra, quando no ar, eu tinha aquela sensação de que eu era um pássaro e pássaro não pode ser abatido.

Graças a Deus isto se tornou uma verdade e permitiu que hoje, sendo idoso, e não velho, eu receba esse carinhoso almoço, da Caça e de amigos Especiais.

Finalmente:

"Muitas pessoas entram e saem de nossas vidas, mas somente os verdadeiros amigos deixam marcas em nossos corações. E, sem dúvida nenhuma, vocês deixaram muitas delas. Desejo a todos paz, amor, e saúde... Hoje e sempre, simplesmente, cada pessoa que passa em nossas vidas é única, sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós. Há os que levam muito, mas não há os que não deixam nada."

Eu posso afirmar que tenho um coração tão grande que pode alojar todos vocês.

Brig Meira



ANIVERSÁRIO DO HCA

No dia 27 de agosto de 2010, tivemos a honra de participar, como convidados do Brig Méd Jorge Marones de Gusmão, da solenidade alusiva aos 68 anos do Aniversário da importante Organização Militar de Saúde – Hospital Central da Aeronáutica, do Comando da Aeronáutica, na Rua Barão de Itapagipe, 167 – Rio Comprido – Rio de Janeiro – RJ.



Com a participação do Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito e de membros do Alto Comando, além de diversas gerações de oficiais caçadores, da ativa e da reserva, foi realizado, no dia 7 de agosto, na Sede Barra do Clube de Aeronáutica, no Rio de Janeiro, um churrasco comemorativo do 15º aniversário da Associação Brasileira de Pilotos de Caça.

Cerca de 150 pilotos, irmanados, puderam, novamente, professar seus ideais de amor à Aviação de Caça, à Força Aérea Brasileira – FAB e ao País. Um vibrante ADELPHI para todos!

Após a mensagem do Comandante ao Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes – Presidente da ABRA-PC, foi proferido um discurso pelo Maj Brig Ar Meira, o qual transcrevemos na íntegra, a seguir:

Saudação

Caros Caçadores

Na cerimônia da declaração de Aspirante Aviador da minha Turma, em agosto de 1943, meu amigo e colega José Carlos Teixeira Rocha, assim se expressou:

"À nossa frente, na Sacada do prédio do corpo-de-cadetes, a presença das altas autoridades do País legitimava nossa conquista.

Naquele instante, porém, nossas mentes estavam, acima de tudo, ocupadas com a carreira que tínhamos pela frente, Queríamos viver a vida que nos estalava nas veias, com o sangue aquecido pela juventude e pelo entusiasmo; queríamos voar o maior número de aviões diferentes, bater recordes de voo, ser campeões de acrobacia, participar da tarefa pioneira de integração nacional, explorando as rotas do correio aéreo que estavam sendo desbravadas no interior, patrulhar nossas águas territoriais, protegendo a navegação marítima, colaborar para a consolidação da FAB como força autônoma, lutar pelo Brasil, como voluntário, na guerra. Queríamos tudo isto e muito mais. Queríamos aquelas lindas e vibrantes garotas que enfeitavam a multidão de parentes, amigos e admiradores, vindas ao Campo dos Afonsos para solidariarem-se conosco, em nossa vitória, e que aguardavam impacientes o toque de "fora de forma". Era visível que,



para muitos ali presentes, e para elas e nós próprios éramos, mais importantes que qualquer Brigadeiro, naquela hora.

Algumas daquelas garotas, e outras que não foram aos Afonsos naquela manhã, vieram a compartilhar conosco as alegrias, emoções e sofrimentos que nos esperavam. Houve sucessos e insucessos nessa caminhada. Elas, como nós, já não têm aquela mocidade vibrante, mas nada perderam do seu encanto para nós. Envelhecemos juntos e nos enriquecemos com as emoções vividas. Solidárias, sofreram conosco muitas dificuldades e partilharam êxitos e fracassos".

Hoje, comemorando os 15 anos da Associação de Pilotos de Caça, posso dizer: Minha passagem pela Aviação de Caça e pelo restante de minha vida, na reserva, sempre junto aos caçadores, me enchem de orgulho e gratidão por ter participado da Formação dos primeiros Pilotos de Caça, alguns que alcançaram o mais alto posto na hierarquia de nossa Força Aérea.

Como dizemos, a Caça não é melhor nem pior que ninguém, é apenas, diferente. A vibração do Caçador é algo real, as amizades são eternas e o companheirismo sensacional.

No pouco tempo que participei dessa formação presenciei, tempos difíceis e perdas significativas, mas com um final sensacional. A canção "Afinal, Afinal", diz tudo.

Nós não os ensinamos a voar. Isto eles já sabiam. Conseguimos introduzir a necessidade do profissionalismo, do espírito de grupo, da força de vontade, da disciplina consciente e de uma doutrina.

Naquele dia estávamos apenas iniciando. Naquele dia começou a se forjar o "Espírito da Caça", esse espírito que sustentou as unidades em momentos difíceis, esse espírito que une todos os que tiveram e têm o privilégio de pertencer à elite de qualquer Força Aérea, A CAÇA!

Afirmo, com toda minha sinceridade, que a convivência que tive, na fase da instrução, e ao longo de tantos anos, com vocês, foi sem dúvida, o maior privilégio que a mim poderia o destino ter reservado. Senta a Pua! Brasil!

Na volta da Itália, sobrevoamos a chegada da FEB, com o 1º Grupo de Caça desfilando com a bandeira do Brasil. Sobre este fato escreveu o Ten Perdighão:

"...E por mais de um ano a fio, aquela bandeira que foi à guerra conosco, simbolizou galhardamente, não apenas a Pátria, mas, também, o carinho feminino das mães, esposas e noivas, deixadas para trás, cujo espírito vivia conosco, murchando apreensiva ante as brisas da dúvida, drapejando alegre nos ventos do heroísmo, baixando a chorar nos ataúdes dos mortos." A elas, todo o nosso orgulho e carinho.



Departamento Cultural



MENSAGENS dos leitores

GRUPO DE ESTUDOS DO CAER

Paulo Pereira
Jornalista

Conduzidos pelo Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista, Presidente do Clube de Aeronáutica (CAER) e acompanhados pelo Cel Av Araken Hipólito da Costa, Diretor do Departamento Cultural, membros do Grupo de Estudos e participantes do Curso do Pensamento Brasileiro do CAER, visitaram o Parque de Material Aeronáutico do Galeão (PAMAGL), no dia 02 de outubro. Recepcionados pelo Brig Ar Marco Antônio Kling, Diretor do PAMAGL, os visitantes foram conduzidos ao auditório, onde assistiram palestra do Diretor do Parque, que sintetizou, em sua apresentação, um panorama do complexo e desafiador trabalho realizado naquela unidade da Força Aérea Brasileira (FAB) subordinada

ao Comando Geral de Apoio (COMGAP).

Logo à entrada do Parque do Galeão os visitantes observaram a importância histórica daquelas instalações, registrada nas placas assinalando que ali funcionaram inicialmente, os galpões com 19.000m² das Oficinas Gerais da Aviação Naval (11/6/1939) e a Fábrica do Galeão, denominação que recebeu após a criação do Ministério da Aeronáutica (20/1/1941). Com a desativação, em 1965, a Fábrica do Galeão passou a prover o suporte logístico às aeronaves da FAB, sendo denominado Grupo de Suprimento e Manutenção do COMTA – Comando de Transporte Aéreo e após significativas transformações em suas denominações e da própria destinação inicial, em 1974, tornou-se Parque de Manutenção Aeronáutica do Galeão.

O PAMAGL efetua o suporte das mais



Brig Ar Marco Antônio Kling,
Diretor do PAMAGL

importantes aeronaves de transporte logístico da FAB; de alarme e controle aéreo, sensoriamento remoto e ao projeto de aeronave de caça desenvolvido pelo consórcio BRASIL/ITÁLIA: C-130; KC-137; A1; R/E99; VC/C-99; P-3; VC-96 e o KC-390, que está em desenvolvimento pela EMBRAER.

No acervo do Parque, neste ano de 2010, estão 117 aeronaves pertencentes a sete projetos apoiados, que suportam 29.645 horas de voo. Dentre os projetos, a Operação Haiti mereceu especial atenção pela envergadura das operações de apoio às aeronaves envolvidas nas missões de

VISITA O PARQUE DO GALEÃO



transporte (Hércules C-130) e de reabastecimento em voo (Boeing KC-137), naquele país, abalado pela calamidade sofrida em consequência de violento terremoto.

Os 986 militares e civis que trabalham sob o comando do Brig Kling, numa área 319.257 m², nas 63 edificações, em três imensos hangares e nas vinte e cinco oficinas para apoio aos diversos projetos do



PAMAGL, podem, pela eficiência e pelos resultados alcançados, bradar com orgulho o lema daquela importante unidade da FAB: "Nossa missão é fazer voar a Força Aérea Brasileira!".



Fotos Rosana Cuter

LANÇAMENTO LITERÁRIO

No dia 20 de outubro de 2010, no late Clube do Rio de Janeiro, foi lançada a obra *Cadernetas de Voo*, de autoria de Ajax Augusto Mendes Corrêa, elogiado por dois ases da aviação: Maj Brig Ar Rui Barbosa Moreira Lima – Piloto de Caça na II Guerra Mundial – autor do *Senta a Pua* e do Cel Av Hélio Antônio Simas – Piloto de Busca e Salvamento.

Como um bom presente, o livro pode ser encontrado na Editora Luzes.



Senador Marco Maciel – Registra o recebimento de atenciosa carta e exemplares da Revista Aeronáutica, que leu com muito interesse.

Cumprimenta o Diretor pela recondução continuada do mesmo ao cargo e agradece os amáveis comentários sobre seu artigo Políticas Sociais e o destaque de sua carta na coluna Mensagem dos Leitores.

Confirma sua participação no *Curso do Pensamento Brasileiro*, já em pauta.

Senador Álvaro Dias – Agradece a gentileza do envio de um exemplar da edição da Revista Aeronáutica (sic) a *qual prima pela qualidade de impressão e de conteúdo e que será de grande valia para meu gabinete*.

Cumprimenta pelo excelente trabalho e envia votos de sempre crescentes êxitos nas atividades.

Senador Cristovam Buarque – Acusa o recebimento do gentil envio da Revista Aeronáutica, aproveitando o ensejo para cumprimentar pela louvável iniciativa de propagarem a referida publicação, ao mesmo tempo em que agradece a gentileza da deferência recebida.

Deputado Federal Michel Temer – Agradece o gentil envio da Revista Aeronáutica.

NOTA DO EDITOR

Agradecemos as manifestações dos nossos leitores, acrescentando, outrossim, nossa gratidão aos colaboradores, os quais valorizam as nossas edições, deixando-lhes espaço aberto para o envio de textos, quando julgarem oportuno.

Presença do Comandante da Aeronáutica

No dia 28 de outubro - quinta-feira – de 2010 tivemos a honra da presença do Comandante da Aeronáutica Ten Brig Ar Juniti Saito no CAER, que, acompanhado do Ten Brig Ar Aprígio Azevedo, Chefe da SEFA, abrilhantou o transcórreo do Curso do Pensamento Brasileiro, realização do Departamento Cultural do Clube.

Tendo sido recebido pelo Presidente do Clube de Aeronáutica, Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista, ex-Comandante da Aeronáutica, o nosso atual Comandante declarou-se sensibilizado com a participação e discorreu sobre o espectro total da sua gestão bem como sobre o sempre crescente desenvolvimento da Força Aérea Brasileira.

Ao evento estiveram presentes o Ten Brig Ar Gandra, ex-Ministro, além de militares e civis representantes de vários segmentos sociais da Nação brasileira, que assistiram entusiasmados ao grato encontro do Comandante com a plateia.

Antecedendo a Palestra da nossa Autoridade Máxima, por proposição do Presidente do CAER, o Cel Av Araken Hipólito da Costa, Diretor do Departamento Cultural, em um sucinto painel, apresentou a Essência do Pensamento Brasileiro, o qual faz parte do desenvolvimento do Grupo de Estudos e do Curso do Pensamento Brasileiro, que teve início em 3 de março de 2010 com a diplomação de cinquenta alunos.

A ESSÊNCIA DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Araken Hipólito da Costa

Cel Av

Expressar a essência do pensamento brasileiro não é, certamente, uma tarefa simples, mas a presente tentativa tem por objetivo servir como uma aproximação ao tema, como um meio para facilitar e estimular seu aprofundamento.

Em poucas linhas, é possível dizer que o pensamento brasileiro nasce, propriamente, no século XVIII, com as ideias do Marquês de Pombal, que procurava transformar o chamado “saber de salvação”, no ensino da Universidade de Coimbra, em um saber, de fato, científico. Estes primeiros parâmetros acabaram por orientar o desenvolvimento das instruções estratégicas do “Novo Mundo”.

Outro aspecto relevante a ser destacado foi o encontro de culturas em nosso território. Chegando nestas terras, o conquistador português já encontrou o povo indígena, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada um destes povos, somadas, gerou uma verdadeira “miscigenação”, que hoje perfaz concretamente a nossa cultura brasileira.

Além desta experiência singular e bela da miscigenação, dois fatores muito importantes alicerçaram as bases da nascente civilização: o primeiro foi a determinação de se manter um território indiviso; o segundo, a necessidade de se preservar a unidade da língua.

A partir da Escola de Recife (século XIX), inicia-se com Tobias Barreto uma corrente filosófica nitidamente brasileira, o “culturalismo”, o qual sugere que o homem através da potência

da cultura, viabilize a necessária integração do mundo científico, do idealismo kantiano e do liberalismo ao mundo moral, este construído pelos fundamentos do Cristianismo, permitindo dar um caminho à nossa civilização.

A história do Brasil perpassa o Império, a República, a Guerra do Paraguai, o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, a Semana de Arte Moderna e tantas outras páginas marcadas pela superação de conflitos, delineando o espírito do brasileiro, tão bem sintetizado por Cassiano Ricardo, como sendo o espírito do homem cordial.

O pensamento nacional é erigido pelo seu valor universal, nisto reside sua força de presença aos demais povos. É no espírito, que transcende a matéria, onde transita a criação e a ordenação do pensamento. Assim sendo, a alma cordial de nosso povo tem sido, no transcurso do tempo, um exemplo de diplomacia, tolerância e entendimento a todas as culturas, credos e povos.

Estudar o pensamento brasileiro nos permite tomar consciência gradativamente do que é de fato “ser brasileiro”, além de nos estimular a preservar a cultura e os valores nacionais, partes singulares da nossa brasilidade, daquilo que nos constitui Nação.

Este entendimento conduz, naturalmente, à prevalência da ideia de Nação sobre a ideia de Estado, porque nos encaminha para um sentido existencial nacional, impedindo que o Estado queira, porventura, tentar destruir, dividir ou esfacelar a nossa brasilidade.

no Curso do Pensamento Brasileiro



Fotos Rosana Cúter



O Presidente do CAER dá as boas-vindas ao Comandante da Aeronáutica, na presença de numerosa e seleta plateia

NO MOMENTO DE DÚVIDA

Araken Hipólito da Costa

Cel Av
Editor da Revista Aeronáutica

Quantas vezes já nos encontramos em determinadas situações, procurando saber o porquê de algo bom ou mau estar acontecendo em nossas vidas? Certamente, ao menos uma vez, já nos fizemos tal questionamento. Do mesmo modo, notamos, num plano coletivo, as mesmas dificuldades encontradas para interpretar certos distúrbios no meio social.

A filosofia pode ajudar-nos a dirimir esta questão. Na Academia, em 387 a. C, Platão recomendava a seus discípulos que, ao fim de cada dia, eles relembassem seus atos e reflexões. Sustentava o filósofo que esse exercício criava condições ao longo da vida para observar a coerência da própria existência. Para tanto, argumentava que, cada ser tem sua essência própria e se move numa direção pensada e deliberada por sua própria vontade. Assim, o ser torna-se capaz de identificar o fio condutor que liga os atos passados aos atos presentes, como se fosse o desenrolar de um novelo, daí decorrendo a compreensão do momento vivido.

O Cristianismo, no entanto, marcará definitivamente toda civilização ocidental, com o nascimento e ressurreição de Jesus Cristo, “o verbo que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1), aquele que nos trouxe, através do amor, a salvação, e nos mostrou o caminho, a verdade e a vida. Já na Idade Média, no esplendor da

Escolástica, Santo Tomás de Aquino (1225-1274), ao fazer uma releitura cristã de Aristóteles (384-322 a.C), aproxima a filosofia e a teologia, harmonizando as relações entre razão e fé, e, no homem, harmonizando o pensar, o crer e o agir.

Aliada à filosofia e à teologia, não nos poderíamos esquecer de mencionar a arte. Reunidas, conforme Hegel (1770-1831), são estas as três manifestações humanas de valor mais elevado. Toda a cultura e a história de nossa civilização foram cunhadas pela inteligência da razão, da fé e da sensibilidade artística. Um importante exemplo disso foi o período do Renascimento, que proporcionou um vertiginoso progresso para todo o mundo.

No entanto, ao longo da história, acontecem momentos de desajustes sociais, onde barbáries ou eclosão de guerras permitiram, em grande parte das vezes, o aparecimento dos governos totalitários, como o nazismo e o comunismo.

Qual a origem de tal desequilíbrio?

Na análise histórica de tais acontecimentos, aparecem sempre os ataques à religião, pois é nela, em última instância, que estão presentes os valores morais e existenciais de um povo. O epicentro deste ataque emerge no meio filosófico, a partir da tentativa de implantar um projeto imanente, quer na vertente antropo-

lógica, quer na vertente filosófica, desenvolvendo uma argumentação sobre o significado da morte de Deus.

A vertente filosófica começa com Descartes (1596-1650), cuja filosofia segue um caráter eminentemente imanentista, com uma crítica à metafísica. Alguns outros filósofos merecem, também, especial atenção. Spinoza (1611-1677), seguindo o método geométrico cartesiano, deduz toda a realidade visível. Como consequência, não há um Deus transcendente. Deus é a natureza (panteísmo), o que elimina as possibilidades do mistério. Hume (1711-1776), com a negação do princípio da causalidade, nega as provas clássicas da existência de Deus. Kant (1724-1804), na sua obra “Crítica da Razão Prática”, afirma que a única possibilidade para se falar de Deus está na ação moral. Ou seja, como se Deus existisse. Em outra obra, diz que a religião é o conhecimento dos deveres morais como mandamentos divinos. Em Hegel (1770-1831), toda a realidade vem a ser Ideia ou Espírito Absoluto, que se desenvolve na História segundo a trilogia de tese, antítese e síntese. O Estado surge acima dos indivíduos por necessidade da vida espiritual coletiva e realiza os mais elevados objetivos da humanidade.

A vertente antropológica faz uso da filosofia crítica levada às últimas

consequências: dar ao homem o lugar supremo, não só em relação à natureza, mas em relação ao todo. Partindo deste princípio, a filosofia especulativa e a teologia devem ser suplantadas pela antropologia. Por isso, a filosofia passa a ser, sobretudo, antropologia. Os três grandes representantes dessa vertente são Feuerbach, Marx e Freud.

Feuerbach, o maior filósofo da esquerda hegeliana (1804-1872), em “A Essência do Cristianismo”, identifica a teologia com a antropologia, a religião com o homem. “Não foi Deus que criou o homem, foi o homem que criou Deus...” Marx (1818-1883) se valeu do esquema dialético de Hegel e da valorização hegeliana do Estado. Propôs, porém, a matéria, e não o Espírito, como sujeito absoluto da História. Freud (1856-1939), na sua psicanálise, apresenta pressupostos antropológicos, procurando defender o homem da tentativa de descobrir a gênese psicológica da religião e da ideia de Deus. Freud afirma que, para defender-se da força da natureza, assim como, de outra forma, a criança teme o pai e, sabendo que não pode contar com ele para sempre, transporta esta projeção para a natureza, o homem olha-a como um pai todo-poderoso, ao qual chama Deus. Por meio deste enfoque, a religião é a perpetuação do infantilismo na vida adulta.

Como representação máxima

do esvaziamento da ideia de Deus, vemos em Nietzsche uma tentativa de transmutação da hierarquia de valores provenientes da cultura grega e do Cristianismo. Na sua crítica, Nietzsche procurou derrubar todos os valores absolutos da lógica (verdade), da moral (virtude), da metafísica (ser) e da religião (Deus), fazendo ver que esses valores são decadentes e alienantes, um verdadeiro bloco sobre a estrada que conduz o homem em direção à sua ideia de “super-homem”.

É possível observar, por conseguinte, que a partir da filosofia moderna alguns filósofos enveredaram pelo caminho da contestação da metafísica e da religião. Com sua presunção de verdade, anularam a questão da transcendência, propiciando argumentos àqueles desejosos de ferramentas necessárias para disseminar ideologias materialistas, ou de subversão dos valores universais. Na realidade, perverteram os costumes a fim de impor seus interesses filosóficos e políticos.

Neste momento de dúvidas pessoais e de ideologias sociais, devemos colocar o coração e a razão nos fundamentos da nossa civilização: a família, o pensamento filosófico perene, o cristianismo e o direito oriundo da lei natural.

Certamente, a verdade se mostrará tão clara e bela como uma tela de Van Gogh ■

ESTADO E MODERNIDADE

Manuel Cambeses Júnior

Cel Av

Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil;

Conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

mcambeses@yahoo.com.br



James Florschutz
Beehive
2007

Em 1802, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel escreveu um dos livros mais importantes do século XIX: a Constituição Alemã. Nele, fazia um chamado à formação de um Estado unitário alemão como requisito indispensável para que os germânicos adentrassem nos tempos modernos. Naquela época, entretanto, a Alemanha se achava dividida em reinos, principados, ducados, territórios eclesiásticos e entidades autônomas dos mais variados matizes. Dentro dela, Áustria e Prússia não somente haviam se convertido em duas forças dominantes assim como eram os únicos territórios que encarnavam verdadeiros Estados no sentido moderno.

Em sua obra, Hegel fazia referência ao princípio de organização feudal que prevalecia na Alemanha e que reconhecia e garantia a cada um de seus integrantes o direito de livre arbítrio. Tratava-se, efetivamente, de um direito definido por todos e assentado na chamada “liberdade alemã”.

Para Hegel esta “liberdade” que servia de base à desunião, não passava de um anacronismo que mantinha a Alemanha de costas para a história. Isto submetia os alemães a uma manifesta condição de atraso frente aos grandes Estados nacionais da Europa, como França e Inglaterra.

Hegel formulava um vigoroso chamado à conformação de um verdadeiro Estado alemão. Tiveram que passar várias décadas, entretanto, para que isso se transformasse em realidade. Foi em 1871 que essa aspiração unitária se consolidou com a criação do moderno Estado germânico.

Também, na Itália começou, a partir de 1815, um movimento a favor da unificação do país, ao qual, semelhante à Alemanha, se encontrava dividida em múltiplos reinos, principados e ducados, bem como em um Estado papal. Este movimento que ficou conhecido como o “Ressurgimento”, teve como seu maior expoente intelectual o célebre Mazzini. Este, diferentemente de Hegel, que escrevia suas obras em um alemão comum a todos os alemães, utilizou o idioma francês para escrever o seu trabalho literário. A razão disto é que havia tantos dialetos e variações do idioma italiano, que não existia uma linguagem que fosse comum a todos.

Após longos anos de conspirações e combates, o novo Estado italiano pode tornar-se realidade, em 1861. Desta maneira, os italianos conseguiram emergir da Idade Média para adentrarem-se nas filas da modernidade. Foi a partir da conformação desse Estado unitário que pode surgir, também, outra nova criação: uma linguagem comum a todos os italianos.

Quando homens talentosos como Hegel, Bismarck, Mazzini ou Garibaldi lutaram pela conformação de Estados unitários, estavam convencidos de que a força da história os acompanhavam. Estavam convictos de que ao banir as divisões territoriais e autônomas, herdadas da Idade Média, ingressariam nos novos tempos e se adaptariam às exigências do futuro. Poderiam eles imaginar que ao finalizar o século XX, a modernidade se identificaria com os fracionamentos, as divisões territoriais, as autonomias desatadas e a proliferação de diversas linguagens no interior de vários Estados?

Faz-se mister ressaltar que este processo não é novo. Como exemplo, pode-se citar a Espanha que, na década dos anos trinta, enveredou por esses caminhos, sob o rótulo de “modernidade”. Em 1931, uma das inteligências mais brilhantes desse país, em todos os tempos, José Ortega Y Gasset, propugnava nas cortes constitucionais a necessidade de dar rédeas soltas às autonomias regionais.

Não obstante, foi com o colapso do comunismo que este processo recuperou toda sua força. De fato, bem poderia afirmar-se que o muro de Berlim não somente representava a última muralha de contenção do pensamento político frente ao avanço do setor econômico, bem como do ideológico face ao avanço do cultural.

Com a queda do Muro de Berlim a economia passou a ocupar espaços de preeminência que antes eram reservados ao setor político. Porém, ao mesmo tempo, com o desaparecimento das barreiras ideológicas, o fenômeno cultural pôde atingir plena força e vigor.

Durante muito tempo as identidades, sinônimo do cultural, estiveram reprimidas em função das imposições ideológicas. Com a fratura das ideologias, o surgimento do cultural ocorreu de forma inevitável.

Dele nos fala Samuel P. Huntington em sua famosa obra: *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*.

Segundo suas palavras, “no mundo do pós-Guerra Fria as distinções mais importantes entre os povos não são ideológicas, políticas ou econômicas. São culturais. Os povos e as nações estão tentando responder à pergunta mais elementar que os seres humanos podem formular: quem somos? Os povos estão definindo-se a si próprios em termos de religião, linguagem, história, valores, costumes e instituições. Eles se identificam com grupos culturais: tribos, grupos étnicos, comunidades religiosas, nações. Os povos estão utilizando a política, não somente para promover seus interesses, como, também, para definir suas identidades”.

Diante deste novo e instigante cenário, a marcha dos tempos aponta em direção aos particularismos culturais. Cada município, cada cidade, cada região, busca encontrar sinais definitórios de seu próprio ser. Reivindicar tradições locais ou regionais, dialetos, costumes específicos, está em moda no mundo atual. Inevitavelmente isto somente é possível às custas do poder e do sentido unitário dos Estados centrais. O poder que até pouco tempo eles detinham flui agora em duas direções distintas: para cima, em direção aos organismos supranacionais e coletivos; para baixo, em direção a regiões cada vez mais autônomas as quais se consideram mais representativas de uma identidade étnica ou grupal.

Sob esta ótica, o governo inglês decidiu tomar a iniciativa de reformar as bases constitucionais da Nação, devolvendo à Escócia e ao País de Gales autonomias perdidas há séculos. O mais curioso deste processo é que o próprio Estado central se transformou em artífice de seu debilitamento, assumindo frente a tais regiões a “venda” da ideia autonomista. Se bem que no caso da Escócia o estado de ânimo prevalecente favorecia a este processo, em Gales foi necessário que o governo central pusesse todo o seu poder de convicção frente aos reticentes eleitores locais.

Diante desta curiosa realidade, que diriam Hegel ou Mazzini desta volta aos ideais da Idade Média? ■

O SER DOS VALORES



Os valores parecem guiar-nos no viver. Diz o senso comum que se age de acordo com a escala de valores de cada um. A cada objeto, a cada ação, a cada acontecimento poder-se-ia perguntar qual seria a importância desse objeto, ação etc. ou, especificando-se mais, qual teria sido o significado, o sentido daquele objeto, da ação tomada por A ou B, ou do fato ocorrido.

É possível mostrar-se, quase que inequivocamente, o significado ou o sentido de um objeto. Todavia, para uma ação realizada, para um fato ocorrido, torna-se mais complexa a percepção do significado ou do sentido da ocorrência. Em síntese, para as coisas do cotidiano a percepção do valor será quase que inconsciente, pois se encontra no dia a dia; já nas coisas criadas pelo espírito humano, originárias da atividade espiritual, torna-se difícil decifrar o dito sentido e significado, ou seja, perceber o valor.

Quando um detentor de um cargo público age de maneira não condizente com o status do seu cargo e quando tal fato ocupa o espaço dos meios de comunicação, normalmente ocorre um choque na sociedade e há uma espécie de perplexidade na autoridade pública que realizou o ato. Entretanto, se o fato não tivesse sido noticiado, haveria choque? Ocorreria perplexidade? Em suma, para alguns ocupantes de cargo público o ato administrativo de tomar posse do cargo é posse mesmo, domínio, apropriação. O significado e sentido do cargo público e da autoridade decorrente conferida pelo desempenho das funções inerentes a esse cargo perderam-se na temporalidade. A antiga obrigação, o compromisso ético e moral daquele que passa a ser autoridade pública parece desvalorizada, ou melhor, totalmente deturpada, afinal, em recente acontecimento político no Executivo do Distrito Federal, não houve corrupção, houve arrecadação de fundos para compra de panetones; a aprovação de projetos

MILITARES

Rômulo César de Albuquerque

Cel Av

rombel@uninet.com.br

nas Casas do Legislativo não está mais ligada à convicção do parlamentar, mas ao montante financeiro que viabilizará a sua próxima campanha eleitoral.

Assim, todo o compromisso ético inerente ao cargo público e que funda o desempenho das funções desse cargo e que deveria ser assimilado pelo ocupante, parece não mais ser percebido por este ocupante temporário. Os valores do compromisso público (com a coisa pública) – do chamado dever público – não são mais percebidos nem pelos que exercem os cargos, nem por aqueles que deveriam acompanhar tais exercícios. Ou seja, perceber o valor ético de um cargo é perceber aquilo que o espírito humano criou, no decorrer da história, de mais sublime, que é o compromisso de alguém com algo que não é objeto de percepção imediata, pois é valor, e só “pode ser percebido pela via do sentimento e não do aparato explicativo”.

A coisa pública e as Forças Armadas

As Forças Armadas de uma Nação são o instrumento de poder do Estado-Nação. Sua finalidade é aplicar a violência quando esta for necessária, isto é, quando julgado pertinente pela Nação e estritamente de acordo com os objetivos decididos e com os limites por ela estabelecidos. Sua esfera de atuação encontra-se na razão instrumental do Estado e, em certo sentido, na ética utilitarista. Sendo assim, a aplicação da violência será aquela necessária para alcançar o objetivo político de uma guerra (declarada ou não, assimétrica ou não) e que foi estabelecido pela expressão política do poder nacional.

Nesse cenário, às Forças Armadas, como expressão militar desse mesmo poder nacional, caberá conduzir-se de acordo com o estabelecido. A Nação terá certeza de que isso ocorrerá; os Poderes constituídos da Nação terão essa convicção; o povo terá

a crença de que a guerra irá até aonde for necessária (acreditará na decisão política) e de que o objetivo pretendido será alcançado, sendo realizado de acordo com o estabelecido; os comandantes militares terão plena convicção de que as tropas aplicarão a violência da forma planejada, nem mais nem menos. Quer dizer, há que existir um meio seguro de acesso às Forças Armadas, seja pela expressão política, seja pela expressão social, seja (até mesmo) pela própria expressão militar do poder nacional.

O Estatuto dos Militares

Na evolução do Estado, principalmente na modalidade de Estado representativo proveniente do pacto social ou contrato social, o que foi positivado na lei, oriundo de um Legislativo, tem importância ressaltada como ordenador das diversas relações que se estabelecem em qualquer coletividade. Desse modo, o sufrágio para os cargos da representatividade política tem suas leis específicas, bem como uma área específica do sistema judiciário para tratar dos assuntos afetos a essa esfera; as relações trabalhistas, de forma análoga, também possuem códigos, leis e justiça específica. Em suma, positivam-se na lei os valores que devem guiar as futuras condutas e que normalmente se originam de um pacto, seja esse pacto relativo às expectativas de comportamento ou ao desempenho de funções.

Para a expressão do Poder responsável pela aplicação da violência, a Nação e a Sociedade estabeleceram uma lei específica, codificando o que esperam dessa expressão como corpo, como poder, bem como o que esperam dos componentes individuais que, como órgãos, dão vitalidade a esse corpo. Adriana Santos e Eduardo Andréa citam que “os integrantes de uma comunidade possuem um código, um conjunto de regras tradicionais para regular a vida em comum. A forma de agir em cada

situação é transmitida pelas sucessivas gerações. Quem pretender participar da comunidade a elas deve aderir”. É o que se tem de expectativa e certeza de cumprimento. O que consta nessa lei específica são os valores cristalizados que Sociedade e Estado julgaram como fundamentais para o organismo militar, afinal “cada norma realiza um valor preexistente e percebido como tal no reino dos valores”.

Diante disso, entendeu a Nação que os membros das Forças Armadas formam “uma categoria especial de servidores da pátria (...) denominados militares”. Essa especificidade na Lei é um recorte da realidade e foi visado sobre determinados interesses. Todavia, tal especificidade é uma característica dessa realidade, não sendo essa característica denegridora e, tampouco, produtora de benesses. Tal recorte e positivação permitem tanto ao Estado quanto à Sociedade tratarem especificamente os assuntos que se apresentarem nessa parcela da Sociedade: isso fornece segurança para essa mesma Sociedade, para o Estado e para o próprio organismo militar.

Os valores militares

Destarte, como dito, se a Lei cristalizou os valores que Sociedade e Estado julgaram como fundamentais para o organismo militar, quais seriam as essências desses valores? Ensina o Lente Aquiles que a “essência não é um conceito universal gerado na subjetividade, mas é algo percebido a partir dos próprios objetos, da ‘coisa mesmo em carne e osso’, na linguagem husserliana”. Assumindo-se, dessa perspectiva, que o Estatuto é fruto do percurso da consciência legislativa na busca de positivar a essência do instrumento de poder do Estado, ver-se-á que esta lei estabelece o sentido de alguns valores militares, que foram percebidos pela aqui chamada consciência legislativa.

Assim, ao afirmar que as Forças Armadas são “organizadas com base na hierarquia e disciplina”, indica que esse é o fundamento dessa Instituição, sem o qual a Instituição não será ela mesma. Tornando aos ensinamentos do Lente Aquiles, “a sociedade, o Estado e o Direito se transformam constantemente e podem até desaparecer, mas a essência, a estrutura ideal de sociedade, de Estado e de Direito permanecerá imutável”. Mas o que vem a ser disciplina?

Define o legislador que a disciplina “é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar (...) traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um”. Novamente: isso seria a sua essência ou o que ela apenas preceitua?

Kant diz que a disciplina seria a coerção graças a qual a tendência constante de transgredir certas regras é limitada e, por fim, destruída. Não obstante Kant ter aprofundado o conceito, esse aparece ainda com um sentido de repressão heterônoma, e parece que a essência da disciplina deva ser interna, autônoma, como uma atitude permanente da consciência, uma intencionalidade. Afinal, para que ocorra um freio no agir, há que se ter um reconhecimento daquilo que deve ser freado. O não fazer algo não é simplesmente o conhecimento de um limite, mas o reconhecimento de que algo não deve ser ultrapassado por que não deve (algo como o por dever kantiano); não será, também, unicamente pelo fato de o agente pesar as consequências do possível ato a ser praticado, dentro de um pragmatismo. É, sim, em razão de o sujeito intencional algo que é dele mesmo, fruto do seu percurso como intencionalidade de consciência, de sua escala de valores que se impõe a ele como exigência, como um movimento do espírito em direção a, como atividade. O sujeito teve antes um sentimento, que lhe fornecerá a atitude, do interior daquilo que “conhecemos pela via do sentimento e do entendimento que nos leva a distinguir o bem do mal na preferência pela superiorida-

de ou inferioridade de cada um deles”, como compromisso com a sua pré-compreensão, com o seu sentimento, com o seu agir, “sentindo-se moralmente atingido se for obrigado a dele desviar-se”.

Compromisso esse que, também, tem sua origem no amor, pois quando se gosta de algo se aproxima daquilo que se gosta, ocorrendo o inverso quando se tem ódio, afinal de contas, para a constituição e manutenção de um grupo, “é indispensável à presença de uma disposição espiritual, sendo a unidade espiritual e a vontade coletiva os elementos que caracterizam a comunidade, distinguindo-a da massa, do simples agrupamento”. Nesse sentido, o legislador codificou na norma o percebido, definindo as manifestações essenciais do valor militar, como a “fé na missão elevada das Forças Armadas, o amor à profissão das armas e o entusiasmo com que é exercida”, o que guarda direta relação com o alhures explicitado sobre o amor, aparentando que o legislador, ao enumerar, quis fixar o já citado de que cada norma realiza um valor preexistente e percebido como tal no reino dos valores.

Diante disto, saindo da factualidade da norma, o compromisso é uma (ou é a) das essências que tornam a disciplina o que ela é. A coerção advinda da disciplina é um dos sentidos de que dela se tem uma das percepções desse valor. Talvez Kant esteja certo ao afirmar que ela é a coerção que limita a transgressão, pois como dito, é um dos infinitos sentidos desse valor.

Quando a disciplina opera como coerção aplica-se a sanção prevista na norma no momento no qual se verifica que o valor disciplina, em sua essência, foi desvalorizado (não percebido). No tempo em que o compromisso deixa de existir, mesmo que momentaneamente (um acontecimento), a disciplina veste a face da coerção, apoiando-se na norma que foi erigida visando proteger um valor, pois cada norma realiza um valor preexistente percebido como tal no reino dos valores. Ao transgredir, em um acontecimento, qualquer um dos valores que orientam a

conduta daqueles que se ligam e formam o organismo militar, ocorreu um não reconhecimento desse valor, pois o “acontecimento não cria valor. Pelo contrário, o valor preexistente é recebido pelo acontecimento como meio de reconhecê-lo e de auferir sentido a sua manifestação”. O não reconhecimento manifesta o sentido coercitivo da disciplina, pois a transgressão não reconheceu o valor, advindo a sanção ao transgredido, isto é, ao fato transgressor: “todos os valores são recebidos pelos fatos e não derivados dos fatos”. Como dito, é compromisso. Compromisso para estar no lugar planejado e no momento planejado, a despeito do que possa vir a ocorrer. Isso é compromisso com o outro companheiro, com o povo, com a Nação, com a Pátria, com a ordem, mesmo que o deva ser por imposição coercitiva e sancionadora da norma, já que o “valor torna aceitáveis as determinações normativas que garantem o equilíbrio da convivência”.

“Para além dos valores o que encontramos é o nihilismo e a barbárie”, afirma o Professor Aquiles. Nem a Sociedade, nem o Estado, nem as Forças Armadas almejam isso. Assim sendo, valores são fundamentais, principalmente ao organismo militar, por este usar a violência como meio e como fim. Nas Forças Armadas não é a violência que é valor, ela é apenas meio e fim. A Pátria é o valor superior, manifesta por meio de outros valores que guiam seus membros.

Pode-se ter a meta de atingir o dito por Hannah Arendt de que “a principal razão em função da qual a guerra está entre nós não é um secreto desejo de morte (...) mas o simples fato de que nenhum substituto para esse árbitro último nos negócios internacionais apareceu na cena política” e, ao alcançá-la, superar o pensamento de Clausewitz de que a guerra é a diplomacia por outros meios. Até lá, o Estado não poderá dormir e suas Forças Armadas deverão estar à altura do esperado pelo Estado e pela Sociedade. E, com toda a certeza, serão os valores que são incutidos naqueles que compõem o Organismo Militar que garantirão esse compromisso ■



Marcos Henrique Camillo Côrtes

Embaixador

mhcortes@terra.com.br

Rebecca Horn
Os 77 galhos
do destino

A PERCEÇÃO BRASILEIRA DO MUNDO

Este artigo se baseia na palestra que proferi em 15/jun/2010, no Clube de Aeronáutica, a convite do seu Presidente, Excelentíssimo Senhor Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista.

A noção de “percepção” acarreta, por si só, um vasto leque de dificuldades. Assim sendo, considero indispensável estabelecer *ab initio* os elementos com que orientarei minha exposição do tema.

1. Introdução

Evidentemente, antes de buscar perceber o mundo, o observador precisa perceber a si mesmo. Ora, de modo geral, os brasileiros não se preocupam em fazer o seu autorretrato, pois desfrutam da felicidade de não terem dúvidas sobre sua identidade nacional. O Diplomata brasileiro, porém, sem pretender desenvolver complexas teses sociológicas, precisa empreender esse trabalho de exegese da “brasilianidade” para tentar ajudar estrangeiros a melhor se entenderem conosco. Rebuscando prazerosamente na memória esses esforços a que a profissão me obrigava, vou ousar apresentar algumas ideias sobre esse tema desafiante.

2. Premissas conceituais

Biologicamente o ser humano é um “predador” e, por essa circunstância, guarda uma tendência atávica a atribuir um valor positivo ou negativo a tudo que é diferente. O analista do cenário internacional, entre outros, necessita conter essa tendência através de um esforço consciente de condicionamento intelectual para perceber o que é diferente como apenas isto: ser diferente. Por princípio, ele deverá abster-se de fazer aquele instintivo juízo de valor nesse estágio inicial de percepção. A avaliação qualitativa do diferente terá de aguardar uma etapa posterior da análise.

Penso que, antes de formar uma percepção do mundo, o indivíduo – e, por extensão, o grupo social (a “maioria”) – terá como base, ainda que subconscientemente, a percepção de si próprio,

que se pode considerar como a identidade coletiva (ou nacional, tratando-se do país todo). Evidentemente, essa autopercepção resultará de uma soma algébrica de fatores “genéticos” e de fatores “ambientais”. Em outras palavras, trata-se das percepções herdadas e daquelas adquiridas no processo de crescimento e amadurecimento naturais no meio social.

Além disso, quem busca identificar a percepção brasileira do Mundo tenderá naturalmente a dar-lhe a sua interpretação pessoal. Ou seja, deverá dizer que “esta é a minha percepção da percepção brasileira”. Talvez fosse mais acertado fazer um esforço de pesquisa objetiva para tentar chegar à percepção da maioria da Sociedade brasileira. Finalmente, é preciso, para completar o levantamento, tratar de identificar a percepção do que se pode denominar de “minorias intelectualizadas”, entendendo-se por esse rótulo a categoria de cidadãos que – por diversos motivos – busca de forma deliberada colher e analisar informação sobre o “mundo”.

Quando se atingir a fase de buscar definir a percepção do mundo, será necessário levar em conta as dimensões desse “mundo” ao longo do tempo. Essas molduras cronológicas asseguram uma avaliação mais adequada aos respectivos contextos históricos. Dentro de cada uma dessas etapas, será, também, indispensável considerar os âmbitos geográfico, geopolítico e geoestratégico que delimitaram nesses espaços físicos o “mundo” percebido.

A percepção está, inevitavelmente, sujeita a diversos vetores de influência, que podem atuar de forma automática ou serem adrede direcionados. Sem pretender exaurir a lista desses vetores, considero que os principais são: o meio social, tanto o de origem, como outros por que se tenha passado até chegar ao atual; a formação em todos os níveis de ensino; o(s) ambiente(s) profissional(is) em que se tenha trabalhado; a dimensão de conhecimentos adquiridos ou absorvidos fora do contexto de ensino e de trabalho; a chamada “mídia”, acrescentando-se aqui

o cinema; a Internet, nas suas múltiplas variedades de acesso a informações e de veiculação de notícias, dados e opiniões.

Prefiro separar o Governo desse elenco de vetores de influência porque, naturalmente, ele tem uma dupla função, tanto numa sociedade autenticamente democrática como num regime ostensiva ou dissimuladamente autocrático.

A primeira é de buscar ser o intérprete objetivo da percepção predominante, bem como da minoria “intelectualizada”. O governante pode empenhar-se nesse sentido por um louvável espírito de bem servir à Nação ou simplesmente por uma necessidade de autopreservação no poder.

A segunda é de indutor criativo da Vontade Nacional. Essa função, na realidade, se segue à primeira. Num contexto desejável, o governo, consciente dos autênticos Objetivos Nacionais, cuida de a eles adequar os seus próprios Objetivos de Governo. Se, ao interpretar as ideias generalizadas na Sociedade que o elegeu, constata que elas não contribuem para a consecução daqueles Objetivos, procura promover a formação de uma percepção coletiva que facilite a tarefa governamental. Num sentido negativo, mormente quando se trata de governo autocrático, o governo procura egoisticamente levar a Vontade Nacional a apoiar seus objetivos próprios, mesmo que eles não se coadunem com os Objetivos Nacionais.

A percepção da Sociedade, inevitavelmente, é alvo de diversas influências exógenas. A atuação dos governos de outros países afetará essa percepção, positiva ou negativamente. O mesmo pode ser dito de empresas estrangeiras que tenham interesses diretos no país ou que desejem evitar reflexos negativos para seus interesses alhures. Num terceiro nível, há uma variedade de entidades internacionais – desde ONGs a organismos multilaterais – que influirão na percepção do mundo exterior.

Finalmente, é preciso considerar os seis Fundamentos do Relacionamento Internacional, a saber: o Espaço Geopolítico, o Espaço Geoestratégico, o Poder Nacional, os Objetivos Nacionais, o Substrato Moral

e a Expectativa Cominatória. De todos eles, estes dois últimos são os que mais diretamente incidem sobre a maneira como a Sociedade percebe o resto do mundo.

O Substrato Moral é o conjunto de concepções filosóficas, crenças, costumes e tradições que se foram desenvolvendo desde o surgimento da Nação e que a induz a adotar, muitas vezes de forma subconsciente, certo tipo de conduta no Campo Externo. Em outras palavras, ele constitui o que se poderia comparar à personalidade de um indivíduo, abrangendo seus valores, suas crenças, suas preferências, suas aspirações e seu modo de se relacionar com os demais.

A Expectativa Cominatória é a percepção que a Nação tem dos ônus de todo tipo com que terá de arcar no Campo Externo para a busca, a consecução e a manutenção de seus Objetivos. Ressalte-se que a palavra-chave nessa definição é percepção. É ela que distingue a Expectativa Cominatória do conceito mais conhecido de custo-benefício, porque este é resultado de um cálculo baseado em dados concretos, enquanto aquela depende de uma avaliação que, esteja certa ou equivocada em relação à realidade, vai induzir a Nação à determinada conduta.

3. Evolução histórica

Partindo dessas premissas, pode-se acompanhar a evolução da postura geopolítica do Brasil dos tempos coloniais até hoje e, através dela, das percepções “naturais” e “induzidas” da Sociedade brasileira sobre o “mundo”. De modo esquemático, essa evolução pode ser sintetizada nas etapas a seguir. Em cada uma delas está indicada a percepção “favorável” ou “hostil” em relação a países e/ou regiões mais relevantes. Porém, é preciso ressaltar que nem sempre essa qualificação se aplica a toda a etapa respectiva e que, em algumas delas, o mesmo país terá sido percebido – sucessiva ou simultaneamente – de modo hostil e/ou favorável. Além disso, a menção a uma região ou grupo de países pode ser feita com exclusão de um ou mais países, que devem ser colocados na outra categoria.

1ª etapa: Expansão ultramarina portuguesa [Século XVI]

■ Interesse territorial muito limitado. ■ Miscigenação “induzida”. ■ Busca de autossustentação econômica.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ Portugal/“Índias”.
- ▶ hostil ↔ Espanha/França.

2ª etapa: Início da colonização [Séculos XVI - XVIII]

■ Ciclos econômicos de autossustentação, evoluindo para fonte adicional de receita da metrópole. ■ Expansão territorial requerida pelo objetivo precedente. ■ Ampliação da capacidade defensiva local.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ Portugal/“Índias”/“África”.
- ▶ hostil ↔ Espanha (América espanhola) /França/Holanda/Inglaterra.

3ª etapa: Corte Temporária/Reino Unido [1808 - 1822]

■ Vinculação econômica do Brasil com a Europa Ocidental. ■ Aliança defensiva com potência europeia ocidental.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ Portugal/“África”/Áustria/EUA/Inglaterra.
- ▶ hostil ↔ Espanha (América espanhola) /França.

4ª etapa: Monarquia/“I República” [1822 - 1930]

■ Consolidação física e jurídica das fronteiras [ação do Itamaraty: Duarte da Ponte Ribeiro, Paulino José Soares de Souza, Joaquim Caetano da Silva, Visconde do Rio Branco e, em especial, Barão do Rio Branco]. ■ Desinteresse hemisférico [exceto na defesa da integridade territorial – guerras subregionais]. ■ “Aliança militar tácita” com grande potência europeia. ■ Programa de “relação especial” com os EUA. ■ Maiores vínculos econômicos com a Europa Ocidental.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ Portugal/Áustria/“África”/EUA/Inglaterra/França/Japão/Alemanha/Itália.
- ▶ hostil ↔ Repúblicas hispano-americanas/EUA/Inglaterra.

5ª etapa: “II República” [1930 - 1945]

■ Vinculação econômica com os EUA. ■ Aliança militar formal com os EUA (II Guerra Mundial). ■ Ampliação do interesse “diplomático” pelo hemisfério.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ EUA/França/Inglaterra/Repúblicas hispano-americanas.
- ▶ hostil ↔ Argentina/Alemanha/Itália/Japão.

6ª etapa: “III República” [1945 - 1964]

■ “Aliança semiformal” com os EUA [ameaças da Guerra Fria]. ■ Vinculação econômica com os EUA. ■ Restabelecimento da vinculação econômica com a Europa Ocidental. ■ Ampliação e diversificação do “interesse diplomático” por outras áreas do mundo. ■ Perspectivas de “hegemonia tácita” na América do Sul e na América Latina.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ EUA/Europa Ocidental/Oceania/Ásia Oriental/Repúblicas hispano-americanas.
- ▶ hostil ↔ Argentina/Bloco soviético (Cuba)/China.

7ª etapa: “IV República” [1964 - 1988]

■ Vinculação econômica com EUA, Europa Ocidental e Japão. ■ Gradual abandono de quaisquer alianças “semiformais” ou “tácitas”. ■ Maior desenvoltura na atuação diplomática. ■ Altos e baixos na “preeminência” regional.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ EUA/Europa Ocidental/Japão/Repúblicas hispano-americanas/Oceania.
- ▶ hostil ↔ Argentina/Bloco soviético (Cuba)/China.

8ª etapa (em andamento): “V República” [1988 - ...]

■ Globalização e Regionalização. ■ 3ª e 4ª “Revoluções Industriais” / Internet. ■ Fim da Guerra Fria / A Superpotência e os CPEs. ■ Proliferação de conflitos armados. ■ O “complicador” islâmico. ■ Crescente “esquerdização” política. Novas “alianças”. ■ Gramscismo e Bolivarianismo.

Percepção:

- ▶ favorável ↔ (ver item 4).
- ▶ hostil ↔ (ver item 4).

4. A atual percepção brasileira do Brasil e do Mundo

Não creio que seja possível identificar com razoável grau de precisão qual é, atualmente, a percepção que a Sociedade brasileira tem do seu próprio País e menos ainda do mundo em seu conjunto.

Assim sendo, passarei a expor a minha percepção de qual deveria ser a atual percepção brasileira. Acredito que essa percepção é compartilhada por muitos compatriotas e será contestada por outros. De qualquer modo, o importante é que essas ideias sejam orientadas pela maior objetividade possível e tenham sempre como finalidade o bem do Brasil.

Nas apreciações que se seguem terei

como pressuposto básico que, no relacionamento internacional, não há amigos nem inimigos; existem apenas – e sempre – interesses conciliáveis ou conflituosos.

A conjuntura mundial que se inicia com o encerramento da Guerra Fria tem algumas características novas:

1 - Nova estrutura mundial de Poder, com uma Superpotência (EUA) e duas Megapotências (União Europeia e Japão), que são, além disso, os três principais Centros de Poder Econômico.

2 - O “complicador” islâmico, expressão que reflete as dificuldades que o mundo muçulmano apresenta à análise prospectiva do relacionamento internacional.

3 - A “Terceira Revolução Industrial”, iniciada antes mesmo do fim da Guerra Fria, e a “Quarta Revolução Industrial”, com desdobramentos revolucionários no campo da ciência aplicada.

4 - A dinâmica econômica mundial, tumultuada por comportamentos inusitados de diversos países, pela ineficácia dos mecanismos supostamente criados para promover a liberalização do comércio internacional e pelas crises que expõem as vulnerabilidades dos sistemas financeiros de vários países.

5 - O multilateralismo desvirtuado, com os principais organismos internacionais deixando de efetivar os seus objetivos declarados, e a crescente proliferação de agentes peculiares, em especial as organizações não governamentais (ONGs).

6 - A prática exacerbada da “diplomacia presidencial”, impedindo que a formulação e a execução da atuação externa de muitos países sejam – como deveriam sempre ser – conduzidas de modo profissional pelos respectivos serviços diplomáticos. Um dos maiores malefícios dessa prática é a primazia dos objetivos pessoais e político-partidários desses dirigentes sobre os objetivos nacionais.

7 - O deplorável crepúsculo jurídico e diplomático, com inúmeros exemplos de desrespeito a princípios consagrados do Direito Internacional Público.

8 - A proliferação de conflitos armados decorrente do desaparecimento dos controles exercidos pelos dois grandes blocos contrapostos no contexto da Guerra Fria.

9 - A Revolução em Assuntos Militares (RAM) e o Pós-Modernismo Militar (PMM) dela surgido, induzindo à tendência do emprego de meios bélicos para a resolução de conflitos e contribuindo para substituir, no âmbito internacional, a força da Lei pela lei da Força.

10 - O crescimento da “Ação Terrorista Interna-

cional”, rótulo com que de forma generalizada se consideram as atividades de grupos e de indivíduos que recorrem ao terrorismo como instrumento válido para atingir seus objetivos.

11 - As redes de narcotráfico, de lavagem de dinheiro e outras formas criminosas de enriquecimento fabuloso em escala global.

12 - A “Crise” de 2008/2009, que abalou os sistemas financeiros de numerosos países em todo o mundo, com desdobramentos assimétricos e cuja superação ainda não é previsível.

Para completar esse quadro ameaçador, convém mencionar as áreas críticas da insegurança mundial, a saber:

■ Iraque. ■ Afeganistão. ■ Israel X Palestina. ■ Paquistão/Índia – neonucleares. ■ Coreia do Norte (em processo de obter armas nucleares e vetores de lançamento). ■ Irã (em processo de obter armas nucleares e vetores de lançamento). ■ O “cinturão de segurança” da Rússia: Europa Oriental, Cáucaso e Ásia Central; ■ África subsaariana: violência generalizada. ■ América Latina: crescimento do neopopulismo, do gramscismo e do bolivarianismo.

Uma análise objetiva da história recente de nossa região revela a circunstância – pouco apreciada – de que, no decurso do século XX e especialmente em comparação com o resto do mundo, foi na América do Sul que houve a menor incidência de conflitos armados entre países limítrofes. Não é fácil encontrar explicação convincente para esse fato insólito, pois o principal fator desse ambiente predominante de paz é, por sua natureza, muito pouco perceptível: a tradicional atuação do Itamaraty, profissionalmente discreta e silenciosa. Esse desempenho pode ser emblematicamente representado pela figura extraordinária do Barão do Rio Branco e por aquele que, na minha opinião profissional, foi o mais notável de todos os seus sucessores: o Embaixador Mario Gibson Barboza, Chanceler de 1969 a 1974.

Infelizmente, ao longo dos últimos vinte anos, a prática crescente da chamada “diplomacia presidencial” pelos governantes brasileiros impediu que o Itamaraty continuasse a desempenhar aquele papel eficiente. Em consequência, numerosos

fatores vêm aumentando consideravelmente o risco de conflitos armados na região, como se constata numa lista sucinta e não exaustiva:

■ Erosão da autoridade nacional + banditismo organizado (Peru/Colômbia/Bolívia/Equador/Guiana/Suriname). ■ Caudilhismo crescente (Venezuela/Bolívia/Equador). ■ Linhas de fracionamento nacional por motivação racial (Bolívia/Equador/Peru). ■ Expansionismo “ideológico” (Venezuela). ■ Reivindicações territoriais (quase todos). ■ Armamentismo, em diferentes graus (exceto Guiana, Suriname e Uruguai). ■ Crescente desprezo pelo Direito Internacional e desrespeito a Tratados e contratos (quase todos).

Graças à secular atuação do Itamaraty, que soube assimilar e modernizar a habilidade da diplomacia portuguesa, culminando com a obra gigantesca do Barão do Rio Branco, desde 1909 o Brasil tem todas as suas fronteiras jurídicas solidamente definidas através da negociação bilateral ou pela via do laudo arbitral. Com base no princípio de *pacta sunt servanda* (os tratados têm de ser respeitados), pode-se afirmar que o Brasil não tem quaisquer questões NA fronteira, mas pode ter – tem e terá – problemas DE fronteira.

Dentre esses, convém assinalar como possíveis fontes de problemas as reivindicações territoriais entre vários dos demais países sul-americanos, que podem ter implicações para a política externa do Brasil na sua região próxima.

Parece-me válido considerar que nosso País não se defronta com ameaça militar imediata, embora seja preocupante a grande defasagem em termos de equipamento de nossas forças armadas.

Por outro lado, é inegável que existe uma ameaça armada decorrente de atividades subversivas em áreas de nossa vizinhança, bem como da intensa atuação criminosa de grupos dedicados à produção e ao tráfico internacional de drogas.

Por fim, cumpre mencionar diversas modalidades de atividades ilícitas que violam nossas fronteiras jurídicas, tais

como o contrabando, a imigração ilegal e a pesca não autorizada.

Quando se trata da tipologia de fronteiras, a percepção comum se limita à concepção jurídica, segundo a qual a fronteira nacional é o limite legal entre as jurisdições soberanas de dois Estados.

Entretanto, existe outra tipificação, pouco conhecida e estudada: a concepção metafísica, segundo a qual a fronteira nacional é a linha de defrontação entre interesses de dois Estados. Essa modalidade é extremamente importante, sobretudo porque geralmente não é percebida pela maioria da Nação.

Há várias fronteiras metafísicas, inclusive algumas em âmbitos nos quais prevalece a noção de total inexistência de fronteiras, como a espacial e a cibernética, de grande significação para o Brasil.

Na atual conjuntura, porém, duas fronteiras metafísicas merecem atenção prioritária: a Extralimites e a Institucional.

A Fronteira Extralimites é aquela em que os direitos de cidadãos, empresas e/ou investimentos de um Estado no território de outro Estado são diretamente afetados por ação ilegítima ou ilegal deste Estado. Por conseguinte, embora essas violações ocorram fora do espaço em que o Estado afetado exerce plenamente sua autoridade, pode-se considerar que elas de fato ferem sua soberania.

Nos últimos oito anos, ocorreram graves danos e surgiram novas ameaças a interesses do Brasil em fronteiras extralimites (metafísicas). Basta recordar medidas, que se encaixam na definição acima, adotadas nesse período pelos governos da Venezuela, da Bolívia, do Equador e do Paraguai.

A Fronteira Institucional (metafísica) é aquela em que, por qualquer tipo de pressão, coação ou indução ilegítima ou ilegal – por desvio ideológico ou com origem em outro Estado – adotam-se decisões executivas, acordos internacionais e/ou legislação, altamente lesivos ao Estado afetado. Caso se deseje situar geograficamente o *locus* dessa fronteira, ele estará na capital desse Estado.

No caso do nosso País, nos últimos vinte anos, a maior vulnerabilidade do Brasil esteve e persiste na Fronteira Institucional, obviamente situada em Brasília. Nela já se registraram grandes perdas e existem numerosas ameaças aos lícitos interesses nacionais, como a adesão ao Tratado de Não Proliferação Nuclear, a assinatura da Declaração das Nações Unidas dos Direitos dos Povos Indígenas e as demarcações (várias em áreas contínuas) das chamadas “terras indígenas”, inclusive em numerosas faixas da nossa fronteira terrestre.

5. Conclusão

A análise do Substrato Moral de uma Nação é uma tarefa diplomática necessária e sempre difícil. Caso se procurasse identificar o Substrato Moral da Nação brasileira o texto resultante provavelmente se estenderia por duas centenas de páginas ou mais. Assim sendo, transcrevo a seguir, sob a forma de itens sintéticos, o que seria um pequeníssimo extrato exemplificativo de tal estudo:

(...)

✓ nacionalismo sem arroubos e desprovido de xenofobia; ✓ desinteresse por liderança ou primazia (exceto futebol, voleibol etc.); ✓ sensação de inexistência de reais ameaças externas; ✓ aversão ao emprego da força nas questões internacionais; ✓ busca da solução diplomática das controvérsias (o “legado de Rio Branco”); e ✓ crença no papel dos Organismos Internacionais.

(...)

Em complemento da identificação do Substrato Moral, para que possa ter uma percepção correta do país e do mundo, a Sociedade brasileira não pode deixar de levar em consideração, entre outros, os seguintes Fatores negativos que incidem sobre o Poder Nacional:

➤ Inexistência de verdadeiro Plano Nacional de Governo. ➤ “Política Externa” dissociada dos Objetivos Nacionais, servindo a desígnios partidários e ideológicos. ➤ Perdas e ameaças crescentes no Campo Externo. ➤ Desnacionalização

de setores estratégicos da economia e investimentos estrangeiros que não criam riqueza real (serviços e especulação em Bolsa). ➤ Comprometimento da integridade territorial e da soberania nacional (segurança e desenvolvimento). ➤ Degradação continuada das instituições nacionais (civis e militares) nos últimos vinte anos. ➤ Sistema de ensino insuficiente em todos os níveis. ➤ Infraestrutura deficiente e em deterioração continuada. ➤ Descrédito crescente quanto às classes dirigentes (políticos, magistrados, professores etc.) e à mídia. ➤ Impunidade ostensiva, agravando a perda e a deturpação de valores éticos, tanto cívicos como familiares [“ética da corrupção”].

Contudo, esse quadro extremamente nocivo pode ser invertido pela própria Sociedade brasileira, pois nela continuam existindo importantes Fatores positivos:

✓ Amplos recursos naturais, vastidão territorial, e grande contingente populacional. ✓ Índole da sociedade brasileira. ✓ Coesão nacional (inclusive sem preconceitos raciais ou antagonismos regionais). ✓ Dinamismo do setor produtivo nacional. ✓ Instituições nacionais historicamente respeitadas, “resgatáveis”. ✓ “Janela de oportunidade” geoestratégica (na atualidade).

Para encerrar esta exposição, considero de extrema relevância recordar uma máxima que deve sempre orientar o pensamento predominante da Sociedade:

“A Nação que não traçar seu próprio rumo o terá traçado por outra.” ■



“O LAPA AZUL”

Maj Brig Ar Antonio Luiz Rodrigues Dias
antonioluiz.dias@gmail.com

**“Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.”**

*Hino Nacional
Joaquim Osório Duque Estrada*

*Plenário do Superior
Tribunal de Justiça
em Brasília*

No início do mês de setembro de 2010, na noite do dia sete para o dia oito, salvo engano, tive a oportunidade de assistir, em uma das TV do Congresso Nacional, ao filme-documentário “O Lapa Azul”, que apresenta a participação do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, na Campanha da Itália, no final da Segunda Guerra Mundial.

O filme ressalta a determinação dos pracinhas daquele batalhão, originários, na maioria, de Minas Gerais, para superar as dificuldades do campo de batalha, localizado na região dos Apeninos. Toca fundo na alma e enche-nos de orgulho, ao registrar o desempenho do “Lapa Azul” nos ataques ao Monte Castelo e no combate urbano, casa-a-casa, durante a difícil conquista de Montese, bastião estratégico que garantia a presença alemã naquelas paragens. Emocionantes depoimentos dos ex-combatentes e de um jovem historiador italiano, ainda vivos, enriquecem o documentário.

Desses depoimentos, dois aspectos chamaram-me a atenção: a generosidade dos brasileiros para com o sofrido povo italiano, que sobrevivia, a duras penas, à falta de recursos e de alimentos, con-

sequência do conflito; em segundo, a demonstração de patriotismo de cada um dos seus componentes, que aparece claramente nas referências saudosas ao Brasil e no episódio da missa de ação de graças que se deu na catedral de Pisa, em agradecimento pela chegada de todos, em boas condições, àquela localidade, antes do início das atividades de combate. O vídeo reproduz gravação em que os pracinhas do “Lapa Azul” fazem o Hino Nacional Brasileiro ecoar pelo espaço da catedral, aproveitando a magnífica acústica que o local proporcionava. Momento de pura emoção, que os próprios italianos fizeram questão de louvar.

Aquela manifestação dos pracinhas em solo italiano fez-me recordar de experiência que vivi em 1999, ano em que fui promovido a Brigadeiro e designado para servir em Brasília. Naquele tempo, existia uma escala para oficiais-generais, sob a responsabilidade do Gabinete (GABAER), os quais deveriam representar o Comandante da Aeronáutica em vários eventos a que, por força dos compromissos agendados anteriormente, ele ficava impossibilitado de comparecer. Como recém-promovido, um dos mais modernos servindo naquela capital, recebi a incumbência de estar pre-

sente à cerimônia de posse de três juízes do sexo masculino e da primeira mulher escolhida para ocupar o cargo de ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), a Senhora Juíza Eliana Calmon Alves.

No dia 30 de junho, às 17 horas, compareci àquele Tribunal, onde, por força de confusão na hora da chegada, depois de cumprimentar as autoridades judiciárias, acabei ocupando um lugar na plateia, na parte mais elevada da imponente Sala do Tribunal Pleno, no centro da qual, na parte térrea, encontra-se a área de atuação dos ministros. Observei a grandiosidade do local, calculando, grosso modo que, naquele dia, estaria sendo ocupado por cerca de duas mil pessoas presentes, para assistir àquela solenidade de posse.

Durante o transcorrer da cerimônia, chegou-se ao instante em que o locutor, em voz solene, anunciou:

“Pedimos a todos os presentes que se levantem para cantar o Hino Nacional Brasileiro”.

Acostumado com as solenidades militares, nas quais o canto do Hino Nacional se dá de maneira retumbante, coloquei-me de pé, acreditando-me um privilegiado, pois teria a oportunidade de presenciar marcante espetáculo de civismo, já que a

quantidade de pessoas presente, formando coro significativo, aliada a acústica privilegiada do plenário, assim indicava.

A Banda Militar, não me recordo se do Corpo de Bombeiros ou do Corpo de Fuzileiros Navais do Distrito Federal, entoou os primeiros acordes e, ao terminar a introdução, não tive dúvidas em soltar a voz a pleno. Qual não foi a minha surpresa quando, em lugar de ouvir o conjunto de vozes abafando o som dos instrumentos musicais, encontrei-me cantando, praticamente sozinho, no meio da multidão apática, e minha voz desapareceu entre as notas emitidas pela banda. Continuei a cantar até a última estrofe, apesar do mutismo das pessoas, tentando incentivá-las, porém em vão.

Encerrada a cerimônia de posse e efetuados os cumprimentos de praxe aos ministros empossados, abandonei rapidamente o Tribunal, abismado com o descaso da maioria dos convidados para com o Símbolo Musical da Pátria.

Retornando aos dias de hoje, fico a pensar no que poderia ter mudado de uma época para a outra. Educação? Inversão de valores comportamentais? Banalização das relações pessoais, com o individualismo prevalecendo sobre o coletivo?

Degradação da vida familiar? Relativização do conceito de nacionalidade? Inserção no contexto das atividades globais? Recrudescimento dos confrontos ideológicos? Acomodação, resultante das facilidades alcançadas com a evolução tecnológica? Realismo e pragmatismo? Mudança de paradigmas, conforme preconiza o linguajar moderno?

É difícil dizer.

Na Itália, em 1944, os pracinhas brasileiros do “Lapa Azul”, com todas as dificuldades existentes, como a falta de equipamentos e de uniformes adequados, chegando ao ambiente hostil da guerra, não hesitaram em colocar os corações nas suas vozes, alardeando o amor à terra natal, entoando de maneira uníssona o Hino Nacional Brasileiro. Demonstraram ao mundo que, apesar de tudo, a Pátria era o seu apoio, e que dariam as suas vidas por ela e por seus companheiros. Aqueles jovens, mineiros na maioria, provavelmente com nível de instrução primário, ou médio, traziam de berço o culto aos símbolos nacionais e não se envergonhavam disso.

Em Brasília, cinquenta e cinco anos depois, no ambiente luxuoso e refrigerado do plenário do STJ, a multidão, composta por doutores e estudantes de Direito,

velhos e jovens, além de representantes dos Poderes Executivo e Legislativo, do clero e da sociedade locais, de instrução considerada de nível superior, não teve a coragem de cantar o Hino da sua terra e da sua gente. Aqui, aquelas pessoas, confortavelmente instaladas, todas bem vestidas e alimentadas, na segurança desta terra privilegiada, que valores propagaram ao mundo? Qual o legado dos seus berços privilegiados?

Meditando, enfim, sobre o exemplo do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da FEB, o “Lapa Azul”, e sobre aquilo que se passara em Brasília, não pude deixar de pensar que, naquele dia, reunidos no plenário do Tribunal Superior de Justiça, encontravam-se os cidadãos responsáveis pelos assuntos do poder Judiciário e também aqueles que, no futuro, deveriam substituí-los. Questionei-me, sem conseguir chegar a uma conclusão, qual seria a atitude deles ao defender causas brasileiras, se não se sentem confortáveis para manifestar em público, em local solene e apropriado, o respeito pelos símbolos da Pátria. Senti, então, imenso respeito e profunda nostalgia por aquele Brasil distante e que deixou parte da sua alma nos campos de batalha italianos ■

“DOMINUS ET SERVUS”

Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel Av
Vice-Presidente da Academia
Brasileira de Defesa
lmauro@uol.com.br

OS LOBOS E OS CORDEIROS (1)

Os lobos estavam observando um rebanho de cordeiros. Como os cães de guarda os impediam de avançar, eles resolveram lançar mão da astúcia. Enviaram alguns dentre eles para pedir aos cordeiros que lhes entregassem os cães: São eles – diziam os lobos – a causa de nossa inimizade: entreguem-nos que a paz reinará entre nós. Sem saber o que lhes ia acontecer, os cordeiros entregaram os cães. E os lobos, uma vez de posse destes, não tiveram muito trabalho para dizimar o rebanho sem os guardiães. Quem entrega seus chefes não está vendo que em breve será presa de seus inimigos.

*(Texto atribuído a Esopo,
extraído da Internet) (2).*

Em 23 de agosto de 2008

Era uma vez um pequeno principado, provavelmente na Europa, onde tudo é pequeno, no qual viviam, em harmonia, uns poucos nobres e um pouco mais de plebeus. Os primeiros administravam o Estado e o defendiam contra as incursões dos nobres dos reinos próximos e dos ataques dos bárbaros. Os outros trabalhavam para sustentar os seus senhores, pouco lhes restando para sobreviver e alimentar as suas famílias. Mas, estavam felizes, pois não conheciam outra realidade. Eram escravos, fracos, desarmados e acreditavam na lorota muito bem difundida de que era vontade de Deus que assim fosse.

Um dia, porém, surgiu um príncipe que teve uma “ideia brilhante”: por que precisaria arriscar-se lutando contra os nobres dos países vizinhos, se poderia armar os seus plebeus para fazê-lo? Afinal, assim lhe

sobriria mais tempo para gozar as delícias da vida, já que não precisava trabalhar para viver. Dito isto, passou à prática: armou os plebeus, ensinou-os a combater, e, logo, começaram a tombar os nobres inimigos pelas mãos dos servos do príncipe.

Como as “ideias brilhantes” costumam ser imediatamente imitadas, pouco tempo depois, todos os pequenos reinos tinham armado os plebeus, que começaram a matar-se uns aos outros.

Ao mesmo tempo, os nobres, acostumados ao ócio e à corrupção, negligenciaram a administração do Estado e passaram a cobrar cada vez mais impostos para compensar a ineficiência, sem oferecer quaisquer serviços em troca.

Além disso, eram arrogantes, humilhavam os súditos, principalmente os seus soldados, que começavam a fazer algumas exigências. A ideia talvez não tivesse sido tão brilhante, afinal. Era preciso enfraquecê-los, pois eram os únicos que poderiam por fim àquela situação.

Como? Comer mais? O principado é pobre! Não há mais dinheiro para o rancho, nem como aumentar os seus soldos. E, também, não há dinheiro para arcos, flechas, lanças, cavalos e armaduras!

Os plebeus, a essa altura, ainda estavam armados e já tinham descoberto que os nobres eram tão mortais quanto eles, que sangravam da mesma forma, que essa história de sangue azul era outra lorota. Se podiam matar os nobres estrangeiros, também poderiam fazer o mesmo com os seus senhores.

E, assim fizeram: empalaram o príncipe, e “viveram felizes para sempre”... Até o dia em que os plebeus que se fizeram governantes resolveram ser “nobres”, também. Mas essa é outra história.

Era outra vez, muito, muito tempo depois, um grande Império ao Sul, dominado por uma nomenclatura corrupta e esbanjadora, cujos integrantes, faz tempo, já incorporaram todos os traços de uma nobreza despótica.

Como o príncipe inovador, aumentam sistematicamente os impostos, sem oferecer nada em troca; são arrogantes; humilham os cidadãos, principalmente os militares, nos quais veem ameaça aos seus planos absolutistas, e, por isso, desprezam-nos, agridem-nos, desrespeitam-nos, ofendem-nos e pagam-lhes muito mal.

E, igualmente, inventaram lorotas como essa de que, desde que haja eleições, ainda que viciadas, o regime é democrático; que desbaratar uma ditadura é atentar contra a democracia e ser golpista; que exercer o direito à legítima defesa é ser criminoso; que para ser disciplinado é preciso ser omissos ou coniventes.

Repetindo, ainda, o príncipe, tratam de desarmar os soldados, como forma de neutralizá-los e de impedir qualquer reação contra as ações deletérias e antinacionais que vêm praticando. Mas os soldados ainda têm arcos, flechas, lanças, cavalos e armaduras mais do que suficientes para salvar o Império.

Resta, apenas, saber quando se decidirão a usá-los.

“Quem se compõe com o inimigo, por pouco que seja, e a ele entrega seus comandantes ou seus comandados não está vendo que, em breve, dele será presa”.

Alea iacta est! (3) mas parece que somente um lado tem participado do jogo. É preciso retomar a iniciativa e partir unidos para o ataque, único caminho que conduz à vitória.

Se uns não o fizerem, um dia, outros, certamente, o farão. E não perdoarão quem nada fez, quando podia e deveria tê-lo feito.

A História sempre se repete, mas, às vezes, tarda muito!

Deixar para as gerações futuras aquilo que deveria ser feito hoje é uma grande bobagem, um grave risco e uma covardia inaceitável.

Esta fábula foi escrita para aqueles homens que, por serem bons, não veem a maldade do inimigo e aceitam a lógica deturpada que este lhes impõe, tornando-se cúmplices involuntários da corrupção, da barbárie, da traição e do terrorismo ■

(1) Não confundir com “Lupus et Agnus” (O Lobo e o Cordeiro), conhecida fábula de Fedro que inspirou o título deste artigo.

(2) <http://www.fec.uff.br/concursos/arquivos/SAOMATEUS2007/provas/F85.pdf>

(3) A sorte está lançada – Júlio César quando se preparava para cruzar o Rio Rubicão.

A HIPOCRISIA AMBIENTAL (em poucas palavras)

Reis Friede
Desembargador Federal
e Professor Adjunto da UFRJ;
Mestre e Doutor em Direito Público
rfriede@trf2.gov.br



Leandro Erlich
Swimming

Ouvimos todos os dias, e a toda hora, e – por que não dizer – com irritante insistência, que caminhamos, a passos largos (e para os mais pessimistas, de forma irreversível) para retirar o planeta da excepcional estabilidade ambiental em que se encontra há mais de 10 mil anos, com consequências simplesmente impensáveis.

Não obstante não se possa negar a relativa veracidade do autêntico “alerta geral” que vem sendo constantemente consignado, particularmente, pela mídia, inclusive com a persistente notícia no que concerne ao rompimento do equilíbrio de três dos nove “limiares planetários” (a mudança climática, a perda da biodiversidade e a alteração no ciclo do nitrogênio) continua a existir uma autêntica e lamentável conspiração, por parte dos políticos e, em alguma medida, também por parte dos principais estudiosos sobre o tema, no sentido de que a solução definitiva do problema deve se apoiar sobre o sinérgico combate aos efeitos do epígrafado imbróglgio ambiental e não propriamente sobre as causas primárias que conduzem (e historicamente vem conduzindo) à origem do mesmo, qual seja, o contínuo e descontrolado crescimento populacional, notadamente nos países subdesenvolvidos.

A própria ONU, através de relatório editado pelo seu Fundo de População (UNFPA), vem reconhecendo que “frear a expansão demográfica teria o mesmo impacto, em termos de redução de emissões, que substituir todas as termoelétricas à base de carvão por estações de energia eólica”, (O Globo, 19/11/2009, p. 38), defendendo, por fim, o maior acesso das mulheres a métodos contraceptivos, ao planejamento familiar e à educação, como formas efetivas de se combater o denominado aquecimento global.

Ainda assim, a mesma UNFPA, em aparente contradição, deixa claro, ser contra a imposição de uma consistente política

de controle populacional, concluindo que a decisão quanto ao número de filhos continua sendo um direito inalienável de cada mulher, ainda que reconheça que 35% das gestações nos países em desenvolvimento, simplesmente, não são desejadas.

Curioso observar, em necessária adição contextual, que há sempre um demógrafo de plantão preocupado, muito mais, em nos alertar dos supostos riscos inerentes a uma política de planejamento familiar (com a consequente alteração da pirâmide etária) – ignorando, de forma irresponsável, os consequentes efeitos do aumento da expectativa de vida em todo o mundo e do próprio prolongamento da vida útil humana, como bem assim dos extraordinários avanços da tecnologia aplicada ao trabalho e à produção econômica – do que propriamente das terríveis consequências de uma total (e irresponsável) ausência de uma mínima preocupação (e consequente ação) a respeito do tema.

Neste sentido, não nos parece plausível (por imperiosa ausência de razoabilidade) cobrar um verdadeiro sacrifício de todos, em efetivo desfavor da merecida qualidade de vida e do próprio direito ao bem-estar que cada um de nós legitimamente almeja como detentores da cidadania, sem qualquer contrapartida com uma política global de planejamento familiar (e correspondente controle de natalidade) que permita, no longo prazo, verdadeiramente restabelecer o equilíbrio ambiental desejado (potencialidade de oferta de recursos planetários versus consumo quantitativo e qualitativo projetado) debelando, de modo pleno e definitivo, os riscos ambientais que, supostamente, ameaçam a própria sobrevivência da espécie humana a longo prazo.

Entender de forma diversa – insistindo em apenas e tão-somente restringir emissões de carbono na atmosfera, ou outras providências assemelhadas – não nos parece uma solução adequada, até porque, a toda

evidência, não ataca diretamente o problema (em suas causas primárias) e, sim, apenas o que alude aos seus efeitos observáveis, posto que não seria minimamente sensato restringir, por um lado, o direito inalienável de cada ser humano buscar melhorias no que concerne à sua existência no planeta (o que implica, ainda que indiretamente, em aumento pela demanda de recursos naturais) enquanto, por outro, manter a contínua (e sem qualquer controle) procriação irresponsável, ampliando, em última análise, a dimensão do próprio problema.

Oportuno consignar, neste contexto analítico, que Robert Engelman, vice-presidente do Instituto Worldwatch, não obstante afirmar ser “quase impossível não relacionar crescimento da população e mudanças climáticas”, reconhecendo, inclusive, que muito provavelmente já sejamos insustentáveis com os atuais 6,8 bilhões de habitantes (as projeções para 2050 apontam um mínimo de 7,95 bilhões de habitantes com uma taxa anual de fecundidade de 1,54 e um máximo de 10,46 bilhões de habitantes com uma taxa anual de fecundidade de 2,5), ainda assim, descarta o planejamento familiar como uma ação efetiva (e de curto prazo) para conter emissões de carbono na atmosfera.

Também, há de se estabelecer, dentro do escopo do pensamento dominante das principais organizações ambientais, um mínimo de coerência lógica no que alude ao assunto em epígrafe; ou seja: se procriar deve ser uma decisão livre de cada casal, mudar o estilo de vida (outra causa incisivamente apontada como fonte originária do aquecimento global) igualmente, não pode ser apontada como uma solução derradeira – a ser necessariamente imposta a todos – para debelar, em definitivo, o complexo problema ambiental.

Devemos, portanto, o mais rápido possível, pensar seriamente sobre a raiz matricial do presente desafio, deixando de lado a autêntica hipocrisia ambiental que tanto nos tem desviado das verdadeiras (e difíceis) soluções que devem ser implantadas em nome da necessária (e almejada) continuação do pleno florescimento de nossa Civilização ■

| POPULAÇÃO | TAXA MUNDIAL MÉDIA DE FECUNDIDADE DE 2047 A 2050 |
|--------------------|--|
| Cenário Otimista | 7,95 bilhões de habitantes 1,54 |
| (Média) | 9,15 bilhões de habitantes 2,02 |
| Cenário Pessimista | 10,46 bilhões de habitantes 2,5 |



Evolução Histórica da

BANDEIRA NACIONAL

Símbolo Sagrado da Pátria



Gilberto Affonso Ferreira Paiva
Cap Esp Av

“Todo gerado nasce imperfeito e tende à perfeição. Ninguém ama ao desconhecido, precisamos conhecer para amar mais”.

Santo Tomás de Aquino

Os autores definem símbolo, de um modo geral, dizendo ser uma palavra que vem do grego, *symbolon*, sinal de reconhecimento obtido pela aproximação das duas metades de um objeto previamente partido para este reconhecimento. Símbolo é qualquer representação de uma realidade por outra.

O linguista Ferdinand de Saussure definiu-o por oposição ao signo, pelo seu caráter não arbitrário, havendo sempre um liame natural entre o símbolo e aquilo que ele representa: a balança, símbolo da justiça, não pode ser substituída por outro símbolo qualquer. Outra característica do símbolo é tomar emprestadas unidades significativas de um sistema já constituído, submetendo-as a uma nova organização. Assim, em certos contextos, o lírio simboliza a pureza; para os cristãos, a cruz representa o martírio de Cristo.

Guilherme Ferrero, um dos primeiros investigadores da origem psicossociológica do simbolismo, divide os símbolos em duas grandes categorias: intelectuais e emotivas, isto é, aqueles que são destinados a despertar imagens e ideias, e aqueles que são destinados a despertar emoções, porque há diferenças notáveis entre essas duas classes de símbolos.

O símbolo fala à imaginação. Por isto, ele é entendido pelas crianças e, até mesmo, pelos povos primitivos. Se os símbolos não existissem, não haveria a linguagem, que é a materialização simbólica das ideias.

Outro autor exemplifica: “O homem, quando teve ciência de uma verdade divina, simbolizou-a, de modo que a consciência humana pudesse compreendê-la melhor e sempre. As nações, os idiomas e os costumes mudaram. Contudo estes desenhos antigos continuam iluminando a humanidade com sua luz mística”.

Nas épocas mais recuadas da História,

a humanidade foi instruída no conhecimento abstrato das verdades, por símbolos e parábolas. E, foi por falarem através de símbolos, que todos os grandes fundadores de religiões foram compreendidos e amados.

“Em 318 depois de Cristo, o imperador Constantino, no momento de entrar em luta com Maxêncio, na Ponte Milvia, apelou para o Deus dos Cristãos e então, em pleno dia, viu no céu, para o lado da ponte, uma cruz luminosa com estas palavras, em grego: ‘Com este sinal vencerás’. Na noite seguinte, apareceu-lhe Cristo mostrando a Cruz e convidando o monarca a mandar executar uma insígnia que a representasse. Essa insígnia, estandarte em forma de Cruz, dali em diante, acompanhou o exército de Constantino.

Na batalha, Maxêncio perdeu a vida, e Constantino entrou vitoriosamente na Urbe, com o título de Augusto.

Segundo Prudêncio, o lábaro continha uma coroa, uma cruz e o monograma de Cristo.

A cruz de Constantino se perpetuaria em muitas bandeiras modernas por influência do Cristianismo”.

“Nas mitologias etrusca, egípcia, grega, romana, escandinava e indu são conhecidos símbolos nos quais aparecem animais, vegetais, astros e coisas tidas, como protetoras do homem e dos povos, merecendo respeito e adoração. Imperadores e reis, a nobreza e o clero, com esmerado zelo inscreveram nas armas e brasões os feitos destacados dos ancestrais ou os signos diversos que lhes afiguravam propícios”.

“No alvorecer da civilização, quando os homens ainda combatiam nus, facilmente se concebe que eles usassem certos sinais que os distinguissem uns dos outros, na faina da guerra. Herbert Spencer, nos ‘Princípios da Sociologia’, quando trata das instituições cerimoniais, entende que, entre os povos

primitivos, as insígnias eram usadas, como trajes, para despertar admiração; e logo no começo da sua obra ‘A educação’, opina que o adorno, cronologicamente, precedeu o vestuário. Os primeiros brasões teriam sido feitos no próprio corpo, por meio da tatuagem e ornamentos grosseiros, como ainda hoje os empregam alguns povos rudimentares”.

“Quando Pedro, o Eremita, mostrou aos povos cristãos a Cruz que os deveriam guiar à conquista da Terra Santa, realizou a epopeia das Cruzadas, principiaram as distinções entre os povos pelas bandeiras. Primitivamente, todos estampavam, em pano branco, a cruz vermelha. Depois à proporção que se reuniam contingentes fortes de diferentes países, cada qual deu à cruz sua cor predileta: os franceses continuaram com a cor vermelha; os italianos e suíços, a cor amarela; os flamenses e lorenos, a verde. Aliás, data dessa época, a verdadeira consagração dos símbolos. Porém, só a partir do século XV, tornaram-se conhecidas as bandeiras na sua forma atual”.

As legítimas Bandeiras Nacionais, encerrando em si o amor e a alma das pátrias, deixando de exprimir simples emblemas de família ou soberanos para serem representações vivas das nacionalidades, datam, ainda, de mais tarde. A primeira que tremulou ao vento foi a norte-americana, em 1775, quando os revolucionários lutavam para libertar a jovem América da Inglaterra. Ela mesma serviu de modelo para a bandeira oficial, criada dois anos após, pelo Congresso Americano.

A França conturbada em 1792, por intermédio de uma Assembleia Nacional, fez das cores azul, branca e vermelha – sob a inspiração de Lafayette – o pavilhão que tantas vezes tem servido de guia dos passos da humanidade.

A origem das bandeiras revela, portanto, sua tradição elevada e nobre, símbolo de glória e de fé, síntese de ideias dos indivíduos e

coletividades, elo de coesão e de grandeza das nações.

É, sem dúvida, a bandeira o símbolo que mais de perto fala ao coração de todos aqueles que sentem a chama do patriotismo abrasar-lhe a alma.

Na bandeira, com efeito, estão somados a história e os altos feitos da Pátria. Lembrá-los é reviver o passado.

A nossa Bandeira Nacional, se bem que tenha passado por transformações várias, é uma só. Quer tenha panejado nas naus de Cabral, nas batalhas dos Guararapes, na guerra do Paraguai, na 2ª Grande Guerra Mundial, na Itália, nas batalhas de Montese, Camaiore, Monte Prano, Braga e Monte-Castelo, ela é e será sempre a Bandeira do Brasil.

“Sobre a imensa Nação Brasileira. Nos momentos de festa ou de dor, Paira sempre, sagrada bandeira, Pavilhão da justiça e do amor”.

Olavo Bilac

Mas, quem ama, quer bem e a felicidade do ser amado, não mede sacrifício para colaborar no seu crescimento e sente alegria com seu triunfo.

O amor é alguma coisa de interior ao homem, tendendo, porém, a manifestar-se por meio de sinais exteriores.

“O homem faz a santidade daquilo que crê, como a beleza que ama” (Renan).

O verdadeiro amor se comunica aos outros por meio de símbolos. O mesmo acontece com o amor à Pátria. Queremos vê-la em liberdade, em “Ordem e Progresso”, e sentimos a necessidade de manifestar, externamente nosso amor por meio de símbolos.

A Bandeira simboliza toda uma Nação, assim como a Cruz simboliza uma fé. A nossa Bandeira Nacional, além de simbolizar a sabedoria, é a nossa imagem da Pátria. Por isso mesmo, impõe-se ao culto dos brasileiros. A lei regula a sua apresentação, mas é

necessário que o costume a conserve, como uma sugestão permanente da nacionalidade, aos olhos do povo.

É preciso que a educação se faça nos lares, nas escolas, nos quartéis, nas universidades, em qualquer parte, mas sob esse signo de união e fidelidade.

O Brasil, em mais de quinhentos anos de existência, já possuiu dez bandeiras:

- 1 de 1500 a 1521 – Bandeira real de D. Manuel I;
- 2 de 1521 a 1616 – Bandeira real de D. João III;
- 3 de 1616 a 1640 – Bandeira representativa do domínio espanhol sobre Portugal, estabelecido em 1580;
- 4 de 1640 a 1645 – Bandeira real de D. João IV;
- 5 de 1645 a 1816 – Bandeira do Brasil como colônia-principado de Portugal;
- 6 de 1816 a 1821 – Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, proclamado em 1815;
- 7 de 1821 a 1822 – Bandeira do Reino Unido Constitucional;
- 8 de 1822 a 1889 – Bandeira do Brasil Império;
- 9 de 15 a 19 de novembro de 1889 – Bandeira Provisória da República;
- 10 de 19 de novembro de 1889 aos dias de hoje – Bandeira do Brasil-República ou Bandeira Nacional.

A história da Bandeira Nacional é a própria história do Brasil. Quem conhece a história Pátria sabe que o nosso País, na sua evolução política, desde o descobrimento, passou por diversas fases especiais: Brasil-Colônia, Brasil-Reino, Brasil-Império e Brasil-República. E, durante essas fases características, teve dez insígnias que, através dos tempos, se perpetuaram na consagração desse uso convencional dos povos cultos ■



DIA DA BANDEIRA

Oney Carlos Xavier
Ten Cel Int
oney.cx@bol.com.br

O Militar

Carta a El-Rei de Portugal
D. Carlos I

“Senhor, umas casas existem no vosso Reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta, se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta, se deitam obedecendo. Da vontade fizeram renúncia como da Vida. Seu nome é Sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmos são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas não se cansam de celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por Militares...”

“Corações mesquinhos lançam-lhe em rosto o pão que comem; como se os cobres do pré pudessem pagar a Liberdade e a Vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição eles compram a liberdade para todos e defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E, desde hoje, é como se o fizessem. Porque por definição o homem da guerra é nobre. E, quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai a Coragem e à sua direita, a Disciplina.” 26/09/1952).

Obs: 1- Versos em azul (Não conheço o Autor).

2- Versos em vermelho (Fragmentos de “O Navio Negroiro” de Antônio de Castro Alves).

P.S. 1- Trecho da carta escrita por Guilherme Moniz Barreto, em 1893, a D. Carlos I (33° Rei de Portugal) e publicada no “Jornal do Exército de Portugal” n° 306.

2- Minha homenagem a todos os Militares Brasileiros (da Marinha, do Exército e da Aeronáutica - sejam da Ativa, da Reserva ou Reformados). E a minha Homenagem “Post Mortem” a todos os que doaram suas vidas pela grandeza da nossa Pátria!

3- ALERTA: “Os que não se lembram do passado estão condenados a revivê-lo!”
George Santayana (16/12/1863 a 26/09/1952).

Nesta data (15/Nov), tu não és mais lembrada. Como um trapo és esquecida e desprezada.

“Bandeira do Brasil

“Auriverde pendão da minha terra
Ninguém te manchará.

Que a brisa do Brasil beija e balança.
Teu povo varonil

Estandarte que a luz do sol encerra
Isto não consentirá.

E as promessas divinas da esperança.
Bandeira idolatrada,

Tu que da liberdade após a guerra,
Altiva a tremular,

Foste hasteada dos heróis na lança,
Onde a liberdade

Antes te houvessem roto na batalha
É mais uma estrela a brilhar”!!!

Que servires a um povo de mortalha”!!!

Hoje és aviltada por aqueles que pensam em substituí-la por uma simples bandeira comercial. Não mais te consideram um Símbolo Nacional, mas apenas um pedaço de pano. Não sabem que tuas medidas são áureas. (Sequer sabem o que são medidas áureas).

Nossos jovens não sabem o que representam. Não conhecem teu Hino. Não conhecem tua História. Por que tentam apagar teus dias de glória? Tornaram-te apenas em um resquício do militarismo?

Filhos do sul, filhos do norte, filhos do leste, filhos do oeste! Unamo-nos em

torno da nossa Bandeira para honrá-la, orgulhando-nos com sua glória! Vibremos de entusiasmo ao vê-la desfraldada nos mastros destes Brasis! Defendamo-la de uma afronta! Livremo-la de uma derrota!

Bandeira do Brasil! Conheci-te e aprendi a amar-te ainda menino, quando orgulhoso te arriava diariamente às 17:30h do teu mastro na minha Escola. Mais tarde, aos 17 anos, ingressando na Força Aérea Brasileira, jurei defender-te com o sacrifício da própria vida. Este compromisso nunca será rompido!

Dependendo de mim, o teu verde e amarelo jamais serão pintados de vermelho e o teu lema – “Ordem e Progresso” – jamais será substituído por uma foice e um martelo!

“Só é inatingível o que é impecável”! Tu, em tempo algum, serás atingida, destarte todos os que se apresentam para este fim ■

GRAMADO: encanto, muita beleza e luz

Edson Reis
Cel Int

A cidade de Gramado, um dos destinos turísticos mais procurados do Brasil, é encantadora. Por suas ruas floridas, pelos detalhes de arquitetura, hospitalidade, ampla rede hoteleira e gastronômica, grandes opções de compras e proximidades dos vinhedos e vinícolas da Serra Gaúcha, oferece a todos os visitantes uma excelente infraestrutura turística, com proximidade e distância razoáveis de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul – duas horas de carro, ou ônibus de turismo, com conexão quase imediata, através das empresas receptivas gaúchas no Aeroporto Salgado Filho, numa boa e bonita estrada na região, cheia de atrativos.

Em Gramado, as quatro estações do ano proporcionam verdadeiros espetáculos da natureza: o romantismo do outono, o aconchego da lareira e do vinho no inverno, a alegria e o colorido das flores na primavera e a energia do verão fazem de Gramado um destino maravilhoso e inesquecível.

No período de 4 de novembro de 2010 até 10 de janeiro de 2011, Gramado se transforma no palco das festividades de Natal e Ano Novo, denominadas Natal Luz. A Nativitaten remonta à origem do Natal,

desde a criação do mundo, dentro da filosofia e cultura do cristianismo, passando pela perdição da humanidade e a salvação do homem com o nascimento do Menino Jesus. A encenação das festividades apresenta shows com cantores líricos, acompanhados de som, luzes, fogos de artifício, fogo e águas dançantes. A tão esperada presença de Papai Noel e dos principais personagens do Natal, num cortejo grandioso de muita luz, muita alegria e emoção, acontece no Grande Desfile. O espírito mágico do Natal é contado através de fantasias, luzes e som.

Esse maravilhoso mundo de fantasia se torna, diante de nossos olhos, um espetáculo com danças e efeitos especiais, onde brinquedos antigos de madeira criam vida. Esse fantástico universo lúdico resgata os sonhos e a magia de ser criança. Muitos outros espetáculos são programados: Cerimônia Diária do Acendimento das Luzes. A Vila de Natal, a Árvore Cantante e o Encontro de Papais Noéis, que caminham pela cidade realizando suas atividades sempre em conjunto. A presença deles, também, dá ao Natal Luz muito charme e encanto.



No ano de 2010, comemoram-se os 25 anos de Natal Luz em Gramado, evento que está sendo considerado, no turismo nacional e internacional, como uma das “Festividades de Natal Mais Bonitas do Mundo”.

Outras atrações anuais e/ou permanentes em Gramado: Festa da Colônia, Feiras de Artesanato, Festival de Cinema, Aberto de tênis, Concurso Nacional de Saltos, Exposição de Orquídeas, Festival de Chocolate, entre muitas.

Principais passeios: Mini Mundo, Rua Coberta, Raízes Coloniais, Quatrilho, Princesinha, Casa do Colono, etc., além de outros integrados a outras cidades da Serra gaúcha que ficam próximas: Canela (Cachoeira do Itaimbezinho), Caxias do Sul (com suas antigas e tradicionais Festas da Uva e do Vinho), Garibaldi (excelentes champanhes e vinhos finos), Bento Gonçalves (suas grandes vinícolas e adegas), São Francisco de Paula, Igrejinha e muitas outras cidades da região ■





INSTRUÇÃO AÉREA

Pré-seleção e economicidade

Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes
consult-aero@veloxmail.com.br

O processo de seleção e avaliação de pessoal destinado à atividade aérea é sempre visto com elevada prioridade, principalmente quando o objetivo final é o serviço militar.

Além disso, o acompanhamento e a avaliação do desempenho operacional dos Pilotos em formação é uma tarefa incessante e ininterrupta, praticada com esmero por todas as Forças Aéreas do mundo.

Por ser indispensável, exigir extrema qualidade e atingir grande massa, esse processo, também, deve oferecer economicidade.

Todas as Forças Aéreas do mundo enfrentam problemas semelhantes, variando apenas a massa de candidatos que é exposta ao processo seletivo. A Academia da Força Aérea brasileira, por exemplo, faz filtragem anual de elevado número de candidatos e, apesar da excelência do sistema de seleção em uso, está sujeita a uma média ponderável de eliminação anual de candidatos a pilotagem, com uma grande perda financeira por Cadete desli-

gado. Essa perda poderá ser minimizada caso seja incorporada, ao método atual, uma ferramenta de pré-avaliação capaz de aumentar o grau de seletividade e antecipar resultados.

Esses sistemas já estão disponíveis e à disposição dos operadores por razões facilmente compreensíveis.

Com uma pré-avaliação, é possível afastar do treinamento de pilotagem psicomotora para a atividade aérea. Com o resultado, reduzir-se-á o esforço relativo às horas de voo que viriam a ser consumidas nessa instrução aérea, aumentando, por óbvio, a economicidade do processo, por meio da antecipação de decisões.

Usando uma ferramenta de pré-avaliação, ainda é possível acessar o andamento do aprendizado, o estado de aptidão e o nível de desempenho operacional dos pilotos já solos. Com isso pode-se realizar o acompanhamento de sua proficiência no transcurso do treinamento, em uma minitestagem feita em nível de Esquadrão de Instrução. De forma inversa, através do

levantamento desses elementos, é possível aferir a consecução dos objetivos do próprio programa de instrução, isto sendo feito com plena liberdade de aplicação de parâmetros fixados pelo próprio usuário, independentemente do fabricante. E, assim, manter o programa de instrução *up dated*...

Amplia-se, portanto, o espectro de abordagem de seleção de pilotos, pois com a introdução de sistemas assim formatados é possível realizar:

- complementação dos métodos em aplicação para a pré-avaliação e pré-seleção de candidatos a pilotos militares;
- avaliação do desempenho operacional de pilotos **pós-voo solo**;
- multiplicação (uso para a seleção de pilotos militares de asa fixa e rotativa);
- quantificação (valoração) do desempenho individual;
- autonomia e independência dos meios já em uso;
- pré-avaliação para o voo IFR: elementar/básico (usando o mesmo hardware).

Ainda com vistas a uma utilização mais ampla, e visando à sua perenização nos programas de formação de pilotos, a esses sistemas deve ser acrescida uma bateria complementar de testes capaz de selecionar o candidato que, além de indicar sua capacidade de aprender a pilotar, demonstrará sua capacidade para interpretar as múltiplas informações visuais, indispensáveis para o voo por instrumentos (IFR): interação homem-máquina em linguagem unificada.

Sistemas dessa natureza têm sido desenvolvidos por experientes equipes de instrutores de voo, pilotos de combate, psicólogos, médicos de Aviação e engenheiros aeronáuticos, que buscaram atingir o objetivo de seleção em massa com confiabilidade, rapidez e redução de custos, buscando, também, aumento de segurança de voo.

Dessa forma, esses conjuntos pré-avaliam os potenciais de cada candidato a piloto, submetendo-os antecipadamente às imposições psicomotoras e ambientais enfrentadas pelo moderno piloto de combate.

Isso é realizado através da sua exposição a diversos cenários operacionais, com variação de carga de trabalho, atribuindo valores numéricos quantitativos aos resultados do desempenho do indivíduo e que permitem análise e avaliação em tempo real.

Esses conjugados não são um simulador, mas uma bateria de testes psicomotores embutida em sistema autônomo, computadorizado, que incorpora um posto de pilotagem equipado com Sistema HOTAS (*Hands On Throttle And Stick*), intercomunicadores e monitor de registros gráficos *on line*. Seu software gera cenários operacionais variados; testa procedimento, arquiva informações, avalia resultados contra parâmetros fixados, e gera relatórios; além de oferecer extrema flexibilidade para ser customizado em proveito dos requisitos estabelecidos pelo operador.

Certamente, portanto, baterias ou sistemas de pré-avaliação representam uma importante ferramenta adicional de trabalho, não só na seleção como na avaliação do desempenho operacional

dos pilotos em formação, resultando em excepcional economia antecipada de recursos orçamentários.

Em análise preliminar, é possível antever a aplicabilidade de sistemas desse tipo, antecipadamente ao processo de seleção de pilotos militares, principalmente no momento em que se buscam novos caminhos para a racionalização da metodologia de seleção de pilotos, adentrando uma era de modernidade e abandonando processos já superados em face da tecnologia disponível e atual.

Cada centavo despendido na implantação de uma ferramenta capaz de prever e propor, de forma antecipada ao início do voo, o aproveitamento ou não dos candidatos a aviador militar, estará coberto pela eliminação de gastos que ocorreriam caso candidatos duvidosos fossem submetidos à instrução de pilotagem.

Portanto, em se abordando **economicidade**, uma bateria de pré-seleção não pode ser vista como despesa e, sim, como investimento... ■

A SEMANA DA ASA

Paulo Pereira
Jornalista
paulo.pereirasantos@hotmail.com

O cinquentenário da criação do Ministério da Aeronáutica (MAER) será comemorado no dia 20 de Janeiro de 2011. Criado no governo do Presidente Getúlio Vargas, através do decreto-lei nº 2961, foi extinto e transformado no Comando da Aeronáutica (COMAER), ficando subordinado ao Ministério da Defesa, pela medida provisória nº 2.216-37 de 31 de agosto de 2001 no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.



Primeiro voo de Santos-Dumont
Pintura

E O DIA DO AVIADOR

“A criação do Ministério da Aeronáutica foi um processo lento e começou com realização de conferências e a propaganda feita por oficiais entusiasmados com a ideia do Ministério do Ar...”, conforme depõe o Brigadeiro Nero Moura, Patrono da Aviação de Caça e ex-Ministro da Aeronáutica entre 31 de janeiro de 1951 e 18 de agosto de 1954, em seu livro: Um voo na história (FGV Editora, pg.91, 1996). Nero Moura diz que a onda favorável começou com a leitura de livros falando do poder aéreo, trazendo informações sobre o progresso das aviações italiana, francesa e inglesa, pregando a necessidade de um organismo independente, em igualdade de condições com as demais forças, através da doutrina do general italiano Giulio Douhet, que preconizava a supremacia da aviação militar, capaz de decidir sozinha uma guerra, as iniciativas do general William Mitchell da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos e as ideias do coronel Alexander P. de Seversky, que após a revolução russa, emigrou para a América do Norte.

Passados quase trinta anos da conquista da Taça Archdeacon, por Alberto Santos Dumont, com o seu aeroplano 14-Bis, não havia no Brasil um busto sequer do Pai da Aviação.

Taça Archdeacon

Em 1906, com o objetivo de atrair os Irmãos Wright, Ernest Archdeacon oferecia uma taça e um prêmio de três mil francos para o piloto que, elevando-se por seus próprios meios, realizasse um percurso mínimo de 25 metros. Os irmãos Wright não se apresentaram para concorrer ao prêmio, que permaneceu em vigor. Alberto Santos-Dumont encontrava-se na última etapa das experiências com o 14-Bis. Era o momento para tentar a conquista do prêmio. Em 23 de outubro de 1906, diante de Ernest Archdeacon e da comissão do Aero clube da França, Santos Dumont par-

te para a tentativa de voo. No Campo de Bagatelle, entrou na nacela do aeroplano, ligou o motor e logo o aparelho começou a movimentar-se: Elevou-se do solo, percorrendo a distância de 60 metros a aproximadamente 2 metros de altura. Era a primeira vez que o homem, num aparelho mais pesado que o ar, elevava-se do solo e tornava a descer com recursos próprios. A multidão presenciou o fato com grande entusiasmo, que teve imensa repercussão na imprensa do mundo todo. Estava conquistada a Taça Archdeacon.

Até que em 1936, o Touring Club do Brasil, presidido por Otávio Guinle (1886 - 1968), empresário brasileiro, fundador do hotel Copacabana Palace, tirou do esquecimento a conquista do engenheiro nascido em Cabangu, Minas Gerais, criando a Semana da Asa em 1935, cujo destaque seria o Dia da Aviação, a ser proposto ao governo para comemoração do dia 23 de outubro.

O nome Semana da Asa é de autoria do vice-presidente do Touring, Berilo Neves (1899 - 1974), jornalista, escritor, farmacêutico e oficial do Exército (professor de português do Colégio Militar do Rio de Janeiro), idealizada pela Comissão de Turismo Aéreo do Touring, presidida pelo Major Godofredo Vidal (1895 - 1958), aviador militar, fundador do Serviço Meteorológico Militar e do Serviço Geográfico do Exército, além de criador do Grupo Escoteiro do Ar, Tenente Ricardo Kirk. Já coronel, juntamente com o capitão Archimedes Cordeiro e o primeiro-tenente Francisco de Assis Corrêa de Mello, Berilo Neves partiu em voo de confraternização pelas Américas (1931), em um monomotor bombardeiro Amiot, de fabricação francesa, batizado como Duque de Caxias. Uma pane obrigou-os a um pouso forçado, entre as cidades de Guaiaquil e Quito, em plena Cordilheira dos Andes e só foram encontrados, feridos, mas vivos, três

dias depois por nativos. Neves foi também, vice-presidente do Instituto de Geografia e História Militar, onde ocupou a cadeira 13, patrocinada por Bartolomeu Lourenço de Gusmão e integrou os quadros dirigentes do Instituto Brasileiro de Geopolítica.

O Presidente Getúlio Vargas sancionou a Lei nº 218, de 4 de julho de 1936, que instituiu o Dia do Aviador. Anteriormente, comemorava-se o Dia da Aviação em 10 de dezembro, data consagrada a Nossa Senhora do Loreto, padroeira dos aeronautas. O texto da Lei dizia que os Poderes Públicos deveriam providenciar para que:

(...) essa comemoração tenha sempre condigna celebração cívica, desportiva e cultural, esta especialmente escolar, e acentuando a iniciativa do notável brasileiro Santos-Dumont, quanto à prioridade do voo em aparelho mais pesado que o ar.

A primeira Semana da Asa aconteceu entre os dias 20 e 27 de outubro de 1935 e constituiu-se em grande estímulo para que o espírito aeronáutico brasileiro ressurgisse mais forte, com mais entusiasmo, aproximando o público das atividades aeronáuticas, por meio de visitas às instalações aéreas, militares e civis, organizando exposições, promovendo concursos e gincanas e eventos religiosos na igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, além de revoadas, que se tornaram populares e deram origem às corridas de aviões, comuns na década de trinta.

No dia 23 de outubro, também, se comemora o Dia da Força Aérea Brasileira (§2º do Art. 1º da Portaria nº 220/GM3, de 19/04/1991). A Força Aérea Brasileira surgiu em 22 de maio de 1941, pelo Decreto-Lei nº 3.302, que deu esta nova denominação às Forças Aéreas Nacionais, previstas no Art. 8º do Decreto-Lei nº 2.691, de 20 de janeiro de 1941, o diploma legal que criou o Ministério da Aeronáutica ■

A Carga Urgente



Ivan Janvrot Miranda
Cel Av
ijmbrsl@gmail.com

e IMPRESCINDÍVEL

Ao ler na nossa revista nº 267 um artigo do Ten Brig Ar Jaeckel que falava de uma carga especial e do Alto da Balança em Fortaleza, muitas lembranças me ocorreram, já que servi nesta Base, por quase cinco anos, voando B-25, e, dentre estas lembranças, uma que, também, incluía uma carga muito, mas muito especial. Consultei a minha caderneta de voo e o Histórico Militar. Eu era instrutor de voo e S2 do esquadrão encarregado da instrução teórica dos oficiais que faziam o curso de bombardeio médio, voando o Michel B-25.

A grande maioria dos alunos era formada pelos aspirantes e um pequeno número de oficiais mais antigos, recém-chegados na base, completava a turma. O dia era 12 de junho de 1953. A missão era uma viagem de instrução FZ/FZ, ou seja, um circuito fechado pelo interior do nordeste. Pouco antes da decolagem nos chegou uma ordem que mandava fazer um pouso em Recife, aproveitando que uma perna do roteiro passava “relativamente próximo”. Lá, no CAN RF, nos esperava uma carga importante que deveria ser trazida para Fortaleza tão logo que possível.

Já com plano de voo prevendo o pouso em RF, decolamos às 12:00 horas e mais

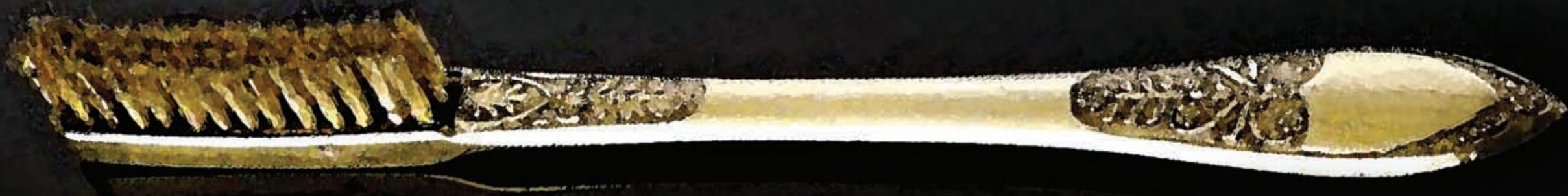
ou menos com duas horas e meia de voo estávamos passando no “tal ponto” e aproamos para RF.

Não gostamos do que vimos. Uma parede preta nos esperava. Fazer o quê? A carga não era importante? Está na hora de fazer jus ao cartão verde para voo por instrumentos. Eu tinha um aluno voando na esquerda, o que era bom (pé e mão) porque me deixava livre para consultar as cartas de descida, aproximação, comunicação, etc.. A missão era importante e encaramos o CB. Depois de lutar com chuva e turbulência muito intensas e problema de descida, ao entrarmos na final, o aluno simplesmente cristalizou; ainda estávamos “instrumento” e o teto estava muito baixo. Ele, de olhos arregalados, largou o manche sem dizer uma palavra; assumi os controles, felizmente já tínhamos o ajuste do altímetro, só me restando o pé e mão; chuva intensa no parabrisa, não enxergava nada; abri a janela do meu lado, talvez um palmo, para tentar ver se a visibilidade vertical me dava alguma chance, já que a visibilidade horizontal era zero. Passamos o ponto crítico, teto mais baixo que o limite para operação e já decidido a arremeter, vi pela janela entreaberta o início da pista 14, a pequena

parte dela antes de cruzar a pista 18. Com a certeza de que estava na direção certa e a poucos metros da cabeceira da 18, forcei a descida e fiz um pouso longo, porém seguro. Havíamos voado 3 horas e 20 minutos. Táxi, estacionamento, e a tal carga ainda não havia chegado à Base. Depois de espera angustiante, a carga chegou e aí começou a parte complicada da missão. Colocar no bombay do B-25, debaixo de chuva torrencial, uma carga difícil de fixar, mas no fim deu tudo certo e conseguimos decolar às 18:00 horas, com destino a FZ em voo direto. Ainda chovia muito, já escurecera, o campo estava fechado para operação, mesmo IFR. Aleguei operação militar de urgência, assumi o lado esquerdo como IP, já que seria uma etapa mais de pé e mão, ou seja, decolagem, rumo direto para FZ, com subida em rota e chegar em casa, onde estava bom o tempo. Com 2 horas e 10 minutos estávamos lá.

Muita gente esperando com ansiedade a descarga que foi feita de imediato e a carga levada com muito cuidado e carinho para poucos metros de distância, no Co-corote, onde estava em pleno andamento uma festa de São João e onde só faltava a CHOPE... e agora não faltava mais ■





ASSEIO “por instrumentos”

Raul Galbarro Vianna

Cel Av

chrisvianna1@gmail.com

pode não DAR CERTO

Corria o ano de 1963.

A batida de voo em Campo Grande – na época DEBAER SBCG (Destacamento de Base Aérea de Campo Grande) – como de hábito, era violenta (no ótimo sentido), pois voava-se alucinadamente. Tínhamos o CAN Norte, o CAN Sul, o CAN Noroeste, o CAN Oeste e o CAN RJ. Isso era o de rotina, mas as missões não programadas eram, também, numerosas e de toda ordem (MMI, Busca, Apoio Logístico, ACISO, etc., etc.). Para que os mais jovens e as gerações fabianas recentes possam ter uma ideia de como a banda tocava, este narrador, na época tenente, atingiu, em 5 anos, a marca de 4.200 horas de voo.

Voava-se B-25, C-47, T-7, C-45, T-6, U-42, L-6 e o que mais passasse no traves. Acrescente-se o fato de haver muito mais aviões do que pilotos, numa considerável desproporção, o que obrigava muitas vezes o piloto a chegar de uma missão e

partir para outra em seguida, mal dando tempo de aliviar a bexiga. E, não foram poucas essas situações. Circunstâncias houve, embora não com frequência, em que era necessário se voar C-47 e B-25 com um só piloto. C-45 e T-7 com um só piloto era prática normal e rotineira. Ressalte-se que não havia crise de petróleo; eu era solteiro e não refugava missão, e havia ainda os saudosos rambles. Eram outros tempos realmente.

É fácil de imaginar, com essa intensidade de atividade aérea, o quanto de histórias, episódios e “causos” logramos participar (uns hilários, uns trágicos, outros dramáticos e outros, ainda, frustrantes). São fatos que se perpetuam na memória e na retina e que, modéstia à parte, traduzem um privilégio exclusivo do aviador, posto que consegue vivenciá-los nos mais variados cenários em uma unidade de tempo que a outras categorias não é permitido.

Feito este ligeiro intróito, para nos situarmos no ambiente da época – início da década de 60 (dizia eu, linhas acima: “Corria o ano de 1963”). “Vianna”, me chama o comandante da Esquadrilha de Adestramento, capitão Ernani, caçador, piloto de mão cheia e com quem muito aprendi, “pega o T-6 1645, leva o Major do Exército Fulano a Corumbá e retorna. É bate e volta”. Não estranhem. As coisas eram de tal ordem que várias missões surgiam tão repentinamente ou emergencialmente, inclusive aos sábados, domingos e feriados, que nem sempre permitiam Ordem de Missão – o que era feito no regresso.

Decolamos. Deixamos o platô, ingressamos no pantanal, rumo 324°, rio Miranda à esquerda, rio Negro à direita, e lá vamos nós. Em alguns minutos mais, avistamos a murraria das jazidas de manganês de Urucum e o rio Paraguai. Chegamos a Corumbá. Para não perder

o hábito, 41°C. Despeço-me do major, observo o reabastecimento. Assino a nota. “Tenente, com licença”, apresenta-se o sargento Darcy, velho conhecido, chefe do posto CAN. “Pode me dar uma carona para Campo Grande?” falou, movimentando, como habitualmente, os lábios para cima e para baixo, num ritmo irregular e inconstante, compondo uma estranha coreografia facial, em razão do espesso bigode preto. “Tudo bem”, respondo.

Fiz o plano de voo, equipamos, taxiamos e decolamos. Quem conhece a região sabe do “poder de fogo” dos CBs na área. Pois um paredão formou-se à nossa frente e nos aguardava. Fui descendo, na esperança de passar por baixo. Nada feito. “Quem sabe bem lá pela esquerda”. Nada. As tentativas de contato com Campo Grande eram inúteis em função da “dinâmica” atuação da “estática”. Ante o “paradoxo”, nada a fazer. E o cerco apertando; o tempo passando, por conta do vai pra lá,

vem pra cá; a noite chegando. Voltar, nem pensar. Chegaríamos em noite plena. Corumbá é HJ e não opera noturno. Pousar em alguma fazenda só em caso extremo. “Vou pela direita, se não der, pouso em Aquidauana”. Dito e feito. Corrida contra o tempo! Ventania, turbulência, poeirada, tudo escurecendo!

Pousamos. Estaqueamos às pressas e fomos para a cidade na carona de uma alma curiosa e caridosa que nos conduziu primeiramente a um radioamador – visando à mensagem de pouso – e, após, ao local de pernoite. Imaginem Aquidauana em 62, 63. Chegamos ao pequenino e singelíssimo “hotelzinho”. (Incrível! Havia um quarto vazio) banheiro nos fundos, do lado de fora. Fui para o banho, driblando as goteiras do corredor comprido. A chuva chegara para arrasar. O chuveiro, num espaço acanhado, com a torneira do tipo “integral deitada”, com uma correntinha em cada parte curva

das pontas da “integral” para o “abrir e fechar”.

O céu desabou pra valer. Acho que São Pedro até hoje procura os pedaços para recompô-lo. Volto ao quarto. A “luz”, já precária ao natural, é cortada de vez. Os relâmpagos não resolvem. Acende o isqueiro! “Darcy, você tem desodorante?” “Tenho talco, tenente. Está no cantinho da minha valise; pode pegar.” “Talco como desodorante?”, penso eu. “Nunca vi! Mas, ‘cavalo dado não se olha o dente’...”

Tateando o interior da maletinha encontro a latinha de talco. Aplico fartamente nas axilas. Em um minuto: que agonia, que desconforto! Tudo gosmento, pegajoso e grudando nos pelos. Que diabo é isso? “Darcy, que talco é esse?” Acende o isqueiro! Vem o brado de espanto: “Mas tenente, o senhor pegou o COREGA!”

Foi dureza restabelecer a normalidade nas duas áreas atingidas. Eta missãozinha complicada! ■

ESCREVER...

Escrever é como uma onda que vem de dentro do ser até as mãos e dedos que são os canais por onde as letras saem aos borbotões, formando palavras, frases e finalmente, expressando o pensamento que se formou nos recônditos cerebrais. Na cabeça tudo está formado mas para isso, é necessário interação entre a ideia e o mecanismo corporal das mãos para as palavras saltarem dos dedos, enquanto se tecla ou se manuseia uma caneta. É um ato de amor.

Com a prática, a pessoa evolui, adquire mais experiência em lidar com a sua intuição e a vontade de expressar os pensamentos nas palavras, criando assim um bom texto, desde que o momento criativo não seja obstruído por autocensura ou medo de se expor ao mundo.

Quando o escritor pensa tecnicamente e com receio de cometer erros gramaticais, o processo criativo torna-se truncado e não se consegue obter uma frase que traduza o assunto inspirado. A gramática com suas regras rígidas pode bloquear o processo criativo que surge de uma palavra, uma ideia ou uma cena qualquer. É necessário soltar a emoção, desligar-se das regras e contar o que sente em forma de prosa ou verso. É preciso deixar fluir a chama da imaginação para que as palavras saiam leves, claras, sem necessidade de ajustes.

O ato de escrever é uma viagem subjetiva, quando as mãos se entregam aos mandos cerebrais e possibilitam o surgimento de um texto que traduz em palavras o pensamento, de uma forma leve para o leitor entender. O objetivo principal do autor é conseguir chegar às mãos de muitos leitores. Houve um tempo em que só os livros difíceis eram respeitados, pois comprovavam o potencial literário do escritor como um intelectual erudito. Dominava a arte do bem falar e escrever e por isso, suas obras eram mais difíceis e poucos conseguiam compreendê-las. Tais escritores eram respeitados por sua presença sábia e enigmática. Nesse tempo, só os eruditos que buscavam a perfeição e seguiam o estilo dos famosos literários mundiais, podiam publicar as suas obras. Mas naquela época, a língua, mesmo a falada, era respeitada e as pessoas aprendiam a usar as palavras com mais cuidado e tinham vocabulário extenso e mais

rebuscado para dizer ou escrever os seus pensamentos.

Hoje, alguém, assim, torna-se esnobe, na concepção medíocre daqueles que tratam nossa língua com desdém e acham falta de tempo sentar-se para ler. Impera nas pessoas leigas a moda do parecer e, na ilusão de ostentarem cultura, adquirem os notáveis clássicos ou os seus seguidores, apenas para compor a sua estante, demonstrando com isso a necessidade de serem respeitadas por algo que ainda não conseguiram absorver, mas os incautos o olharão com respeito. O ato de ler é um processo que se cria ainda na juventude e o livro acompanha a pessoa como um companheiro inseparável para todas as horas. Não se adquire tal hábito só por comprar livros e ostentá-los nas estantes de casa. É gradativo quando a pessoa vai sendo conquistada por histórias que fustivamente lê sem pretensão, e gosta. Daí, busca outras e outras, aceita a novidade em sua vida e assim vai sendo absorvido pelo mundo dos livros. Infelizmente, há uma grande parcela da população que acha isso perda de tempo e prefere ostentar o acervo cultural da estante na ânsia de parecer culto às vistas dos outros.

Aliás, na minha juventude, se dizia dos estudantes que andavam com os livros escolares debaixo do braço, que eles estavam aprendendo por "osmose"! (Jamais entendi a piada, porque osmose é um fenômeno físico e químico, explicado no Aurélio como: "Passagem do solvente de uma solução através da membrana impermeável ao soluto"). Estarão essas pessoas, que exibem os títulos famosos em suas estantes, tentando assimilar conteúdo por osmose, como no tempo do ginásio?! Enfim, todos fomos jovens um dia e sabemos que tais brincadeiras surgem sem explicação e ninguém provou que dessa forma se aprende! A interpretação fica ao gosto do leitor.

Interessante, também, são os famosos *best sellers*, aqueles livros que explodem por algum motivo, da noite para o dia, e só se vê os exemplares expostos em livrarias, nas vitrines, nas estantes e os leitores terminam comprando porque está na moda. O escritor tal vira uma celebridade e depois do primeiro livro mais vendido da temporada, surgem outros seguindo o mesmo estilo, o mesmo

contexto e mais parecem capítulos de novelas. O escritor enriquece e vira imortal.

Por trás de muitas histórias de escritores famosos, há um comércio ávido por novidades das celebridades momentâneas e suas histórias contadas. A indústria editorial pinça os autores que surgem com novidades e assim, começa uma trajetória de sucesso e muito dinheiro. Todos ganham e o povo compra qualquer livro do fulano, porque ele é o tal, o mais lido e portanto, o mais bem cotado no *ranking* literário.

Mas será que essa estratégia de *marketing* é verdadeira ou apenas um gancho para vender e faturar alto? O fulano escolhido e aclamado segue produzindo as suas obras sempre focadas no primeiro livro, mas o povo compra tudo e nem sempre lê ou se o faz, se desinteressa depois das primeiras páginas, pois descobre que os novos livros são muito parecidos aos outros, como se o autor houvera se acomodado com a facilidade da fama. Quem ousará criticar a sua obra negativamente, se tudo o que ele escreve vira *best seller*? O tal escritor está errado ou a nossa busca cultural é que empobreceu?

Nem tanto e nem tão pouco; antes havia uma casta fechada de pessoas geniais que dominavam o idioma português na linguagem falada e principalmente, na escrita. Muitas daquelas obras eram inatingíveis e só os membros da casta as entendiam. Hoje, talvez, por influência da internet, vemos uma legião de escritores internautas que também são inacessíveis mas de forma diferente, por falta de alicerce cultural, escrevem tão mal que poucos os entendem. Lançaram a moda da escrita truncada, palavras pela metade e seguem num círculo fechado como dantes, porém, sem conteúdo. As siglas tomam conta desse linguajar e só os adeptos engajados neste contexto do dizer sem saber, conseguem decifrar as mensagens.

Uma coisa, pelo menos, ajuda àqueles que, com uma certa facilidade natural para expressar as suas opiniões e os seus anseios, podem pleitear um espaço no cenário das letras, quando dizem a que vieram e têm coragem de se expor às críticas por suas ideias e pensamentos a respeito da vida e do mundo ■

ESCREVER...



ATORES DA VIDA – SOMOS HISTÓRIA!..

Afinal, começamos a historiar com o primeiro berro, berro registrado, com alegria, no caderno do bebê, caderno nem sempre lembrado, esquecido no fundo de alguma gaveta, deixado na poeira do sótão ou desprezado na lixeira.

Você sabe onde estão seus registros de nascimento? Quem sabe... quem sabe, não é mesmo?

Possivelmente, até a certidão de nascimento esteja perdida. Calma, calma, não há que procurá-la agora, se amarelada está, amarelada ficará, pois os fungos não perdoam.

Que tal algumas questões, bem

simples, sobre nossa origem, como por exemplo: De onde vieram os patriarcas que iniciaram os ramos brasileiros de cada um dos sobrenomes de nossos costados ou antepassados? O que sabemos sobre os nossos bisavós, sim, os nossos bisavós, pertencentes a um grau de parentesco bem próximo de nós, que já estão no esquecimento? E o que podemos dizer dos nossos trisavós? Quais foram suas profissões ou atividades? Como serão lembrados aqueles que foram engraxates, lavradores, funileiros, eletricitas, encanadores, sapateiros etc.? Como viviam em seus ambientes familiares e no exercício de suas atividades? Quantos filhos tiveram, quais os seus nomes completos, e quando e onde nasceram? Quais foram seus padrinhos de nascimento e de casamento? Quando e onde faleceram e foram enterrados? Sabemos os números de suas sepulturas? Quem são as pessoas naquela fotografia descolorida e semidestruída? Há tantas questões que bem mereceriam um livro, não é mesmo?

Amigo, oh! amigo, é assim que se vai historiando a vida. É história sobre a

qual não damos importância e que, imperceptivelmente, escapa pelos dedos e, de repente, vapt-vupt... acabou!..

Por isso, várias vezes, preocupei-me com os contos de minha família, família de muitos sobrenomes entrelaçados, de sobrenomes que me geraram e que se ramificarão, geneticamente, na sucessão de meus netos. Esse é o motivo de procurar e guardar objetos e documentos que, velhos e inservíveis segundo alguns, para mim esclarecem e dão sentido às existências.

Somos a história viva de um passado que sobreviveu e chegou até nós.

Que tal começar a escrever, agora, sua Genealogia, sua História de Família? ■

FARMÁCIA de MANIPULAÇÃO: os produtos são confiáveis?

Maj Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano
rlgermano@hotmail.com

As farmácias de manipulação, a rigor, deveriam apenas ter um papel de complementar às indústrias, manipulando produtos somente quando não há formulação industrializada em concentrações ou formas adequadas a certos pacientes, que devido a um estado clínico particular e excepcional exigem uma medicação que foge à padronização.

No Canadá, por exemplo, as farmácias de manipulação só existem dentro de hospitais universitários, justamente por ser impossível garantir, para um medicamento produzido artesanalmente, o mesmo controle de qualidade daquele produzido em escala industrial.

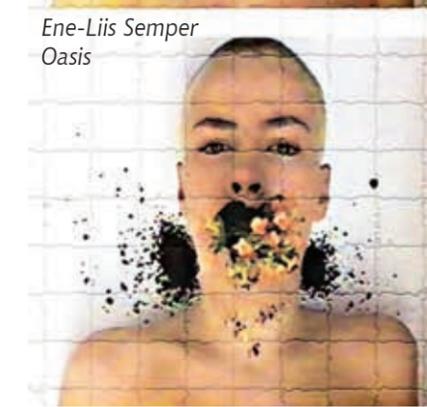
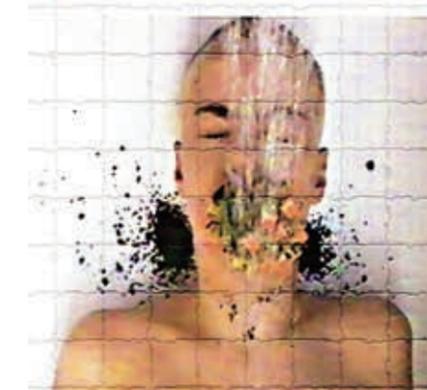
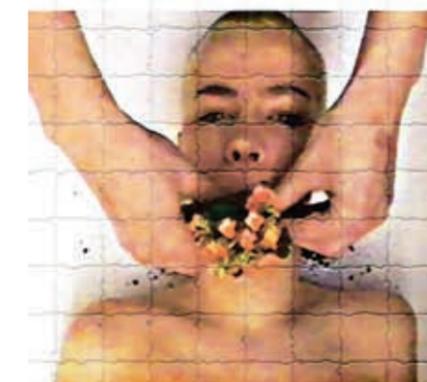
Em nosso País, num levantamento realizado em 09/7/08, o número de farmácias de manipulação chegava a cerca de 7.000 estabelecimentos. Nota-se que a exceção, que seria a destinação de tal farmácia, está virando regra.

Segundo a Diretoria Colegiada da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) são poucas as farmácias de manipulação que seguem adequadamente a regulamentação, das boas práticas de manipulação, estabelecida

pela agência. Por outro lado, diante do crescimento progressivo do número de estabelecimentos, a fiscalização dos mesmos torna-se inviável. A rigor, com a aplicação correta do regulamento técnico, a maioria dos estabelecimentos seria interdita.

O problema se torna mais significativo e perigoso quando observamos prescrições de fórmulas de vários medicamentos em um só comprimido, cápsula ou creme, sem fundamentação em qualquer experiência cientificamente reconhecida, sendo que estas prescrições são aviadas por tais farmácias de manipulação. Tais associações podem ter medicamentos que não funcionarão deste modo (exemplo: levotiroxina sódica) além do aparecimento de efeitos colaterais graves por conta das mesmas.

Espero que o leitor tenha compreendido que manipulação artesanal de medicamento é exceção e não regra (moda para alguns). Por outro lado, espero, também, que tenha aprendido a se proteger das prescrições e aviações experimentais com um número elevado de medicamentos numa mesma apresentação ■



Ene-Liis Semper
Oasis



Carlos Alberto de Paiva
Cel Av

Pesquisador de sua história de família; ex-Diretor
Tesoureiro do Colégio Brasileiro de Genealogia;
e integrante do Conselho Deliberativo do CAER
carlpaiva_aero@superig.com.br

Katharina Fritsch
Instalação

GENEALOGIA História de Família

De VOLTA ao PASSADO

A Redação

As recordações das pessoas são algo de sagrado, principalmente pela lembrança daqueles que com elas conviveram por algum tempo ou por longo tempo. Está, sempre, implícito nas memórias os sonhos, as ambições relativas a realizações para si e para os demais, os casos inusitados, na maioria das vezes, de alegria e de felicidade.

Na foto, estampa-se o momento de pós-formatura da Turma de 2º Tenente, em 16 de agosto de 1946, do nosso amigo e eterno companheiro Ten Brig Ar Octávio Júlio Moreira Lima, ex-Ministro da Aeronáutica e, ex-Diretor do INCAER, (Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica).



Da esquerda para a direita: (de pé) Vigilato; Seidl; Afonso; Souza Barros; Cassiano; Berthier; Arildo. (agachados) Athayde; Chaves de Miranda; Maurício; Moreira Lima; Amaral; e Arruda.

Financiamento Imobiliário

POUPEX

Sua casa própria em 1º lugar

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

Mais informações: 0800 61 3040 • casapropriapoupex.com.br

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO RIO DE JANEIRO - ESCRJ

Palácio Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni - 3º Andar - Centro - 20221-260
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 2253.8395 e 2253.0102 - Fax (21) 2253.0860

POUPEX Associação de Poupança e Empréstimo
poupex.com.br



Para Amil,
não existe nada mais emocionante
do que cuidar de você.

Amil Resgate Saúde: completo sistema de transporte inter-hospitalar.*

UCP: modernos centros de prevenção e tratamento das patologias posturais.

Total Care: avançada estrutura para clientes que precisam de cuidados especiais.**



*Aditivo opcional. **Contra a cobertura do seu plano no orientador e verifique as especialidades disponíveis nas unidades da sua cidade.



Amil

amil.com.br